

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Laura Veronese Da Col

CASAS DE VERANEIO, LAZER E GÊNERO:

Divisões sexuais de trabalho e lazer nos balneários da Zona Sul de Porto Alegre no século XX

Porto Alegre
2021

Laura Veronese Da Col

CASAS DE VERANEIO, LAZER E GÊNERO:

Divisões sexuais de trabalho e lazer nos balneários da Zona Sul de Porto Alegre no século XX

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Fabiene de Moraes Vasconcelos Gama

Porto Alegre
2021

CIP - Catalogação na Publicação

Da Col, Laura Veronese
CASAS DE VERANEIO, LAZER E GÊNERO: Divisões sexuais
de trabalho e lazer nos balneários da Zona Sul de
Porto Alegre no século XX / Laura Veronese Da Col. --
2021.
70 f.
Orientadora: Fabiene de Moraes Vasconcelos Gama.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas, Bacharelado em
Ciências Sociais, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Porto Alegre. 2. casas. 3. gênero. 4. lazer. 5.
divisão sexual do trabalho. I. Gama, Fabiene de Moraes
Vasconcelos, orient. II. Título.

Laura Veronese Da Col

CASAS DE VERANEIO, LAZER E GÊNERO:

Divisões sexuais de trabalho e lazer nos balneários da Zona Sul de Porto Alegre no século XX

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais.

Aprovado em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Fabiene Gama – UFRGS (orientadora)

Prof. Dr. Handerson Joseph – UFRGS (banca examinadora)

Profa. Dra. Claudia Fonseca – UFRGS (banca examinadora)

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Tatiane, que, assim como outras 11 milhões de mães solo brasileiras, me criou sozinha. Obrigada por me encorajar a ser e a fazer sempre o melhor que posso.

À minha irmã Lorena, pelo seu carinho, seus desenhos e sua tagarelice sem fim. Obrigada por me ensinar a perguntar, sempre.

À minha avó Elsa, pelo colo, pela paciência em me ensinar a fazer artesanato e por me receber sempre de braços abertos e prato cheio. Obrigada por me ensinar a ouvir o que as pessoas têm a dizer.

Aos meus colegas de curso, em especial Bárbara, Luiza e Júlia, que sabem como a academia ainda pode ser machista e problemática. Obrigada por compartilharem dores e ansiedades, mas ainda mais por partilharem risadas, almoços e vinhos.

Ao meu *web* amigo Gustavo, que me acompanha há tantos anos nessa coisa estranha que é a existência humana, mesmo que de longe. Obrigada por estar sempre comigo e por me citar em todos os seus agradecimentos. Espero que esse seja o meu primeiro de muitos.

Ao meu companheiro Carlos, por esses últimos dois anos tão difíceis mas de tanto crescimento. Obrigada por me mostrar que ainda há muito amor no mundo.

À minha orientadora Fabiene, que desde 2018 é um modelo do que almejo ser como antropóloga. Obrigada por acreditar no meu potencial em tantos trabalhos diferentes.

Aos meus professores e à UFRGS, por permitirem que eu me envolvesse de corpo e alma nesse processo de (des)encantamento do mundo. É um privilégio enorme ter estudado numa universidade pública, gratuita e de qualidade, mesmo que nossa relação seja tão ambígua. Obrigada pelos últimos cinco anos de tanto aprendizado.

Ao grupo de pesquisa Gêneros, Imagens e Políticas, coordenado pela Prof. Fabiene Gama, e à Débora Wobeto, parceira de pesquisa no projeto Antropologia, Fotografia e Patrimônio Imaterial no Brasil: uma perspectiva de gênero, com quem trabalhei na investigação da produção fotográfica da antropóloga Ruth Landes. Obrigada por me mostrarem o quão gratificante é fazer ciência, especialmente ao lado de outras mulheres.

Aos meus interlocutores, Cláudio, César, Maria Emília, Dupuy e Delcy, por seu tempo, sua paciência e sua confiança em compartilhar suas histórias comigo, e Camila Kriszch pelas imagens de sua casa de veraneio. Obrigada por me permitirem conhecer um pouco de cada um de vocês, de suas famílias e de suas vidas.

Aos profissionais de saúde mental que me acompanharam durante a graduação, por não deixarem a minha peteca cair. Obrigada por possibilitar que eu enxergasse que a vida vale a pena ser vivida, ainda que ela pareça hostil de vez em quando.

Por fim, mas não menos importante, à Porto Alegre. Desde que eu pisei meus pés pela primeira vez aqui, eu sabia que ela era minha e eu era dela. Obrigada por me deixar ficar, apesar de tudo.

*Sinto uma dor infinita
Das ruas de Porto Alegre
Onde jamais passarei...
Há tanta esquina esquisita,
Tanta nuança de paredes,
Há tanta moça bonita
Nas ruas que não andei*

(O Mapa, por Mário Quintana)

RESUMO

Entre os anos 1940 e 1970, moradores da capital gaúcha procuravam uma forma de lazer nas praias fluviais do Lago Guaíba, principalmente nos bairros da Zona Sul de Porto Alegre. Nestas praias, constituiu-se uma prática de veraneio aos finais de semana, impulsionado pela construção de casas e chalés voltados ao descanso de famílias de classes média e alta. A partir de entrevistas realizadas com cinco frequentadores dos balneários de Ipanema, Belém Novo e Florida, em Porto Alegre e Guaíba, este trabalho de conclusão do curso de Bacharelado em Ciências Sociais (UFRGS) procura analisar os usos das casas de veraneio, identificando padrões na divisão sexual do trabalho doméstico e do lazer na metade do século XX, sobretudo em relação às mulheres e crianças. A análise dos discursos dos interlocutores permitiu descortinar suas experiências compartilhadas a nível material e estético, mas também em suas relações sociais intra e extrafamiliares, de mobilidade urbana e de venda do patrimônio. Além disso, discute-se a formatação das casas como produtoras de formas de estar-no-mundo e de sociabilidades, tendo o gênero e geração como enfoques principais.

Palavras-chave: Porto Alegre; casas; gênero; lazer; divisão sexual do trabalho.

ABSTRACT

Between the 1940s and 1970s, residents of the capital of Rio Grande do Sul sought a form of leisure on the fluvial beaches of Guaíba Lake, especially in the neighborhoods of the southern zone of Porto Alegre. On these beaches, a practice of summer vacationing on weekends was established, driven by the construction of houses and chalets for middle- and upper-class families. Based on interviews with five beachgoers from Ipanema, Belém Novo and Florida, in Porto Alegre and Guaíba, this work for the completion of the course of Bachelor's Degree in Social Sciences (UFRGS) seeks to analyze the uses of summer houses, identifying patterns in the sexual division of domestic work and leisure in the mid-twentieth century, especially in relation to women and children. The analysis of the interlocutors' discourses allowed uncovering their shared experiences at the material and aesthetic level, but also in their intra and extra-familial social relations, urban mobility, and the sale of patrimony. In addition, the formatting of the houses is discussed as producers of ways of being-in-the-world and of sociabilities, with gender and generation as main focuses.

Keywords: Porto Alegre; houses; gender; leisure; sexual division of labor.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Contextualizando tempo e espaço	11
O universo de pesquisa	12
Metodologia	14
1. VERANEAR NA CIDADE: ORIGENS, ESTÍMULOS E CASAS	17
1.1 O Guaíba é um convite	17
1.2 Lazer e magnetismo pela água	24
1.3 As casas de veraneio	27
2. MULHERES, HOMENS E CRIANÇAS: DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E DO LAZER	36
2.1 "Não quero mais saber da Florida!"	36
2.2 "Família italiana é assim"	42
2.3 "Quem chega na hora que quer, come o que tiver"	47
2.4 "Eu tive uma infância maravilhosa!"	50
3. A CASA, A RUA E AS SOCIEDADES DE AMIGOS DO BAIRRO	57
3.1 Casas e performatividades	57
3.2 Sociedades de Amigos do Bairro/Balneário	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
BIBLIOGRAFIA	67

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Contextualizando tempo e espaço	11
O universo de pesquisa	12
Metodologia	14
1. VERANEAR NA CIDADE: ORIGENS, ESTÍMULOS E CASAS	17
1.1 O Guaíba é um convite	17
1.2 Lazer e magnetismo pela água	24
1.3 As casas de veraneio	27
2. MULHERES, HOMENS E CRIANÇAS: DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E DO LAZER	36
2.1 "Não quero mais saber da Florida!"	36
2.2 "Família italiana é assim"	42
2.3 "Quem chega na hora que quer, come o que tiver"	47
2.4 "Eu tive uma infância maravilhosa!"	50
3. A CASA, A RUA E AS SOCIEDADES DE AMIGOS DO BAIRRO	57
3.1 Casas e performatividades	57
3.2 Sociedades de Amigos do Bairro/Balneário	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
BIBLIOGRAFIA	67

INTRODUÇÃO

Contextualizando tempo e espaço

Entre os anos 1940 e o início da década de 1970, bairros da região sul, às margens do Lago Guaíba, em Porto Alegre, e, igualmente à sua margem oposta, em Guaíba, eram fortemente frequentados por moradores da capital que procuravam locais mais próximos que as praias do litoral norte do estado para veraneiar. Os ônibus que saíam do terminal da Avenida Borges de Medeiros levavam os banhistas do centro da cidade para a região de Ipanema, Belém Novo, Espírito Santo e Pedra Redonda, em busca de frescos para o verão escaldante da capital (Prestes, 2015). Neste período, uma rede de infraestrutura para receber os “turistas” havia sido organizada por imigrantes alemães e italianos, que empreenderam armazéns, bares, hotéis, clubes e comércios varejistas para as isoladas chácaras da Zona Sul, que posteriormente atraíram um público diversificado para o balneário. Estudantes, empresários - muitos proprietários de chácaras e confortáveis chalés - , profissionais liberais e intelectuais ocupavam os aristocráticos palacetes e casarões de uma cidade-jardim¹ em construção (Machado, 2016), dividindo espaço com classes mais populares que frequentavam as praias durante o dia.

A rápida urbanização dos bairros margeados pelo lago fez emergir não só uma migração pendular de famílias que frequentavam a praia aos finais de semana - pernoitando em casas de veraneio próprias ou indo para a Zona Sul apenas para passar o dia -, mas também um bairro residencial de famílias tradicionais e de maior poder aquisitivo, cujo acesso às águas doces permitia a manutenção de hábitos de higiene, de sociabilidade e de diversão. Esportes aquáticos, como natação, canoagem e iatismo, deram origem a vários clubes náuticos e espaços recreativos ao longo da orla, e ainda podem ser vistos e praticados em áreas não poluídas.

Nesses espaços de lazer, oriundos de hábitos das elites urbanas, localizam-se, então, casas não-oficiais, que, apesar das distintas frequências de uso, tinham em comum sua função: ser o local de descanso, de fuga, do tempo de não-trabalho da burguesia em ascensão e das classes médias da cidade. A casa de veraneio tende a ser retirada do centro ou das

¹ O termo cidade-jardim foi implementado pelo urbanista Ebenezer Howard no final do século XIX, como uma alternativa às precárias condições de vida das cidades capitalistas. Seu objetivo era equacionar vantagens e desvantagens da vida citadina e campestre, solucionando o problema de superpopulação das cidades e o desemprego rural. Para maior detalhamento, ver o artigo de Renato de Saboya no site <https://urbanidades.arq.br/2008/10/13/ebenezer-howard-e-a-cidade-jardim/>. Acesso em 10/05/21.

proximidades do ambiente profissional e das obrigações cotidianas, e funciona num outro ritmo, justo para cumprir outra finalidade. Na arquitetura destas e nas paisagens emotivas que as águas remetem, podemos encontrar uma vibração: relações afetivas indissociáveis entre espaço e indivíduo (La Rocca, 2018); percepções de tempo e do estar-no-mundo que são compartilhadas coletivamente e que criam uma sinergia entre espaço e sociabilidade, que não é a mesma da casa dos grandes centros urbanos, sujeitas aos ritmos de trabalho.

O universo de pesquisa

Este tema de pesquisa levou aproximadamente dois anos para ser lapidado. Depois de alguns semestres de imersão em estudos de gênero e trabalho sexual, a temática da habitação se tornou parte do meu vocabulário quando ingressei como estagiária de pesquisa socio-econômica no Departamento Municipal de Habitação, ligado a Prefeitura Municipal de Porto Alegre, no segundo semestre de 2019. À época, estava em curso o complexo reassentamento da Vila Nazaré em função da ampliação do Aeroporto Internacional Salgado Filho, com cerca de duas mil famílias e pouquíssimo pessoal, que me incentivou a olhar com mais atenção para as inúmeras formas de morar e habitar Porto Alegre, em especial em áreas da cidade que não faziam parte do meu percurso diário.

Somada a essa experiência profissional, no mesmo período passei a participar com mais afinco em projetos históricos e culturais com visitas guiadas e itinerários a pé pela cidade, que suscitaram meu interesse pela Antropologia Urbana, pela história da cidade e por essa *flânerie* que adoça a experiência etnográfica cidadina. Atribuo esse despertar ao curso de extensão da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura da UFRGS, organizado pelo Dr. Frederico Duarte Bartz, "Caminhos Operários: história, memória e patrimônio da classe trabalhadora em Porto Alegre"²; à visita guiada pelo Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, realizado pelo Centro Cultural da Santa Casa³; ao projeto de *tours* gratuitas Free Walk POA⁴; e, por fim, à primeira *tour* mal-assombrada da cidade, Porto Alegre Mal

² O curso ocorre semestralmente, e procura resgatar a presença da classe trabalhadora e do movimento operário na capital entre o final do século XIX e início do século XX, realizando percursos em bairros como Centro Histórico, Bom Fim, Cidade Baixa, Menino Deus, Navegantes e Partenon. Durante a pandemia, tem ocorrido de forma remota, pela plataforma do Google Meets. Atualizações são feitas regularmente pela página do Facebook do curso: <https://www.facebook.com/CaminhosOperarios/>.

³ O Centro Cultural da Santa Casa é uma instituição cultural que visa preservar a história, a memória e a cultura da Santa Casa de Misericórdia e da cidade de Porto Alegre. Conta com museu, acervo histórico, biblioteca, e espaço para eventos, além de proporcionar à comunidade em geral shows, peças de teatro, cursos de extensão, oficinas e palestras. É possível conferir a programação pelo site: <https://www.chcsantacasa.org.br/>.

⁴ Desde o início da pandemia, o Free Walk não tem sido realizado.

Assombrada⁵, idealizada pelo músico Hernandez André Neto. Por meio desses eventos, descobri uma cidade além dos limites da história oficial, com pessoas comprometidas em preservar os patrimônios culturais e materiais da cidade, e também desenvolvi genuíno afeto pelo local que escolhi como morada quando ingressei na UFRGS.

Meu interesse pela vida privada e pelo lazer, porém, decorre em grande parte pelas minhas investidas em gênero e feminismo, cujo *point of no return* foi a leitura do décimo terceiro capítulo de *Mulheres, Raça e Classe* (2016), de Angela Davis, intitulado “A obsolescência das tarefas domésticas se aproxima: uma perspectiva da classe trabalhadora”, em que a autora explicita o papel fundamental das mulheres na economia privada do lar. A partir daí, os múltiplos espaços domésticos, mais do que os públicos, me chamaram especial atenção.

Nesta pesquisa qualitativa, procurei investigar as sociabilidades *da* e *na* casa de veraneio que são geradas, contingenciadas, potencializadas e exteriorizadas através de suas características espaciais particulares. A escolha desta casa, em específico, se justifica pela justaposição dos espaços de socialização (coletivos) e espaços privados (individuais). Os amplos espaços de convivência, como varandas, jardins, piscinas, quadras esportivas e acessos privativos à praia, contrastam com espaços íntimos compartilhados, como os quartos reduzidos, mobiliados com bicamas e beliches, onde crianças e adultos com diferentes ligações familiares se reúnem e coexistem.

Em *A Sociedade de Corte*, Norbert Elias sugere que a configuração espacial das formas de habitação oferecem um “acesso seguro e evidente para a compreensão de determinadas relações” (Elias, 2001, p. 67). A confortável casa de veraneio responde, então, às necessidades de refúgio e/ou extroversão que foram criadas a partir da diminuição da carga horária de trabalho, da Segunda Revolução Industrial em diante, e a instituição do direito às férias no governo Vargas, nos anos 1930. Com o surgimento de um “tempo para descanso”, a burguesia ascendente do país passa a criar novos hábitos de lazer e saúde, buscando lugares agradáveis para recreação e para socialização, e, concomitantemente, à manutenção de relações econômicas, sociais e políticas com outros membros de sua classe.

Segundo Cervo (2019), há ainda pouca bibliografia em Antropologia sobre a Zona Sul de Porto Alegre. Prestes (2015) sugere que as memórias das praias do Guaíba, em

⁵ A Caminhada Mal Assombrada promove roteiros pelo Centro Histórico junto da contação de histórias e lendas macabras originadas na capital, como o Crime da Rua do Arvoredo, a história da Maria Degolada, a tragédia da Rua da Praia, os enforcamentos na Praça Brigadeiro Sampaio, entre outros. Após um longo hiato devido a pandemia, em setembro de 2021 os passeios voltaram a acontecer: <https://www.instagram.com/poamalassombrada/>.

contraposição às praias do litoral, não estão consolidadas no imaginário da cidade, visto a parca produção científica e cultural sobre o tema. Os trabalhos mais relevantes se referem a estudos historiográficos em história oral e pesquisa documental, engendradas por Janete da Rocha Machado (2014) e Antônio João Dias Prestes (2015), e a dissertação do arquiteto e urbanista André Huyer, *A Ferrovia do Riacho* (2010), cujo foco são os impactos urbanísticos da ferrovia e do “Trenzinho da Tristeza” para a região. Há, também, uma pequena bibliografia sobre a constituição e a memória dos bairros balneários, a saber, *Revelando a Tristeza* (PELLIN, 1979); *História dos bairros de Porto Alegre* (Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre); e a coleção *Memória dos Bairros*, também editada pela SMC, além de algumas breves passagens em outras produções sobre a história da cidade.

Russi & Brum (2019) afirmam que a casa não é um tema inexplorado nos estudos antropológicos; pelo contrário, tem sido examinado sob diferentes perspectivas, e apresenta uma possibilidade interessante de análise ao abordar o espaço doméstico como uma forma de expressão do *ethos* de uma sociedade em contextos socioculturais distintos. Pesquisadoras feministas também têm se debruçado sobre as dimensões público/privado e espaços domésticos, como Michelle Perrot, Mary Del Priore e Simoni Andriani dos Santos, e enfatizam, numa perspectiva foucaultiana, que ao escrever uma história dos espaços, escreve-se uma história dos poderes. As diferenças de gênero, raça, classe e idade materializam-se nas relações com o espaço, os móveis, os objetos pessoais (Prado, 2013), e são, também, inspiradas por esses cômodos e utensílios.

Metodologia

Em razão da poluição do Lago Guaíba e do acelerado crescimento demográfico de Porto Alegre, o veraneio nos bairros da Zona Sul e em Guaíba não é mais uma realidade desde o final dos anos 1970. Por isso, a pesquisa teve de ser desenvolvida a partir das memórias de antigos frequentadores do balneários fluviais e usuários das casas de veraneio, que já não existem mais ou tiveram seus usos transformados. Com a pandemia do novo coronavírus, foi preciso pensar em metodologias qualitativas alternativas, que provocassem menos aglomerações e fossem o mais seguras possíveis para todos os participantes da pesquisa, principalmente os pertencentes a grupos de risco. Felizmente, no início das entrevistas, agosto de 2021, a vacinação na cidade de Porto Alegre era uma das mais avançadas no país - eu mesma recebi a primeira dose na metade do mês -, e, meus interlocutores, com idades entre 57 e 85 anos, já estavam imunizados, permitindo que

realizássemos entrevistas presenciais em suas casas, condomínios e cafeterias na capital. Cinco personagens se dispuseram a compartilhar suas vivências e de suas famílias nos balneários da Zona Sul e de Guaíba: Cláudio, César, Maria Emília, e o casal Dupuy e Delci. Meus interlocutores responderam pacientemente todas às minhas curiosidades, empenharam-se em lembrar cada centímetro das casas que não frequentam há, pelo menos, cinquenta anos, reviraram seus álbuns de família e contaram irmãos e primos para contar sobre minha pesquisa e ratificar datas, nomes e acontecimentos daquele período.

Em resenha da obra de Maurice Halbwachs, *A Memória Coletiva*, Silva (2016) destaca que a lembrança individual baseia-se nas lembranças coletivas de comunidades afetivas, e que a ligação entre memória e espaço tem um sentido que só é inteligível para seus membros. Desta forma, contactei meus interlocutores por meio de um card publicado no grupo Casarões de Porto Alegre e Outras Querências do RS, no Facebook. Este grupo tem por objetivo compartilhar fotografias e histórias de edificações antigas, famosas ou não, no estado do Rio Grande do Sul, e tenho observado-o há cerca de dois anos, quando me tornei participante. Seus membros, a cada postagem, tecem elogios, fazem perguntas, e, por vezes, lembram suas infâncias, adolescências e amizades no entorno dos e nos casarões fotografados e compartilhados. A imagem, neste grupo, cumpre papel fundamental de ser um elo documental e afetivo (Kossoy, 2002) entre tempos passados e os membros ativos.

Ainda que houvesse um isolamento artificial dos interlocutores com o contexto que me propus a estudar, acredito que foi possível estabelecer um bom *rappor*t com meus correspondentes. Devido ao curto prazo para entrega do trabalho de conclusão, seus discursos foram o fio condutor de minha investigação, tendo em mãos as gravações em áudio, e as respectivas transcrições, das entrevistas e minhas anotações como suportes para análise posterior.

Este trabalho será constituído por três capítulos que buscam responder como diferentes gêneros e gerações se relacionavam com as casas de veraneio, a partir do lazer. No primeiro, me dedico a retomar à origem e à historiografia das práticas de veraneio em praias fluviais de Porto Alegre e Guaíba, e a compreender as experiências comuns entre pessoas que frequentaram casas de praia entre os anos 1950 e 1970 em Belém Novo, Ipanema e Florida. Essas experiências são compartilhadas a nível material e estético, sobretudo na formatação das casas, seus cômodos, móveis e usos, mas também nas dinâmicas sociais, de deslocamento e de venda do patrimônio.

No segundo capítulo, me proponho a analisar os discursos dos usuários acerca dos usos das casas de veraneio, bem como suas genealogias, suas relações interpessoais e suas

expressões de intimidade dentro de casa. Foi possível identificar padrões na divisão sexual do trabalho e do lazer na metade do século XX, sobretudo em relação às mulheres e crianças.

No capítulo 3, discuto a formatação das casas como produtoras - ou retentoras - de formas de estar-no-mundo e de sociabilidades, enfatizando, também, a presença das Sociedades de Amigos do Bairro como equipamentos importantes para se fazer amigos e preservar as afetividades nos balneários.

1. VERANEAR NA CIDADE: ORIGENS, ESTÍMULOS E CASAS

1.1 O Guaíba é um convite

A historiadora Janete Machado é uma das principais responsáveis pela recuperação histórica dos primórdios dos balneários porto-alegrenses. Em “O veraneio de antigamente: Ipanema, Tristeza e os contornos de um tempo passado na Zona Sul de Porto Alegre (1900 – 1960)”, publicado em 2014, a autora procura responder como surge a ideia de veranear na Zona Sul e quais foram os principais segmentos sociais que participaram da construção desses locais de lazer.

A Zona Sul de Porto Alegre é originária da primeira sesmaria doada no século XVIII, quando o Rio Grande do Sul ainda era denominado Província de São Pedro. No período, a cidade de Porto Alegre era composta por três sesmarias: a de Jerônimo de Ornellas, a de Sebastião Francisco Chaves, e, por último, a de Dionísio Rodrigues Mendes, a quem pertencia uma extensa região de terras, majoritariamente ocupada por fazendas onde se cultivavam grãos e gado, e que hoje correspondem aos bairros Cristal, Vila Assunção e Belém Velho. Em contraste com a terceira, as duas primeiras sesmarias foram onde, de fato, teve início o primeiro núcleo de povoação na cidade, compreendendo os atuais bairros centrais e o entorno do Arroio do Dilúvio.

Componente da política expansionista portuguesa de ocupação e povoamento da região sul do país, a distribuição de sesmarias para homens de prestígio foi crucial para a constituição de grandes latifúndios voltados para a pecuária e as charqueadas, principais fontes da economia gaúcha no final do século XVIII. A posse de tais terras, raramente formalizada, era repassada para filhos, genros e netos - como é o caso de André Bernardes Rangel, filho de Dionísio, e José da Silva Guimarães Tristeza, casado com a neta do estancieiro - e deram origem aos atuais bairros de Ipanema, Pedra Redonda, Jardim Isabel, Vila Conceição, Vila Assunção e Tristeza. A partir do parentesco com Dionísio, grupos descendentes do sesmeiro passaram a desenvolver de modo mais consistente atividades agrícolas na região, e a fixar moradia em estâncias e chácaras nas colinas e às margens do Lago Guaíba e do Arroio da Capivara.

Essas terras agrícolas foram, gradativamente, se transformando em áreas de lazer e descanso para famílias estrangeiras, cuja migração data do século XIX. A Tristeza, a despeito da melancolia do nome, foi o primeiro bairro a ser ocupado com finalidade de recreação, onde se instalaram colonos alemães e italianos que não conseguiram lotes na serra gaúcha.

A incapacidade de absorção de mão-de-obra rural na Europa e seu decorrente envio de excedente para o exterior, somados ao processo de transição do trabalho escravizado para o assalariado no Brasil e às políticas eugenistas, tornaram o país um grande receptor de imigrantes alemães e italianos pobres, sobretudo no Sul e Sudeste. Alocados em regiões pouco habitadas - também para cumprir o propósito de povoamento do interior -, esses grupos iniciaram suas atividades em terras carentes de infraestrutura, doadas pelo governo federal, e, em pouco tempo, diversificaram sua produção alimentícia, passando a manufaturar roupas e ferramentas, vendidos no comércio local. A partir dessa simbiose entre agricultura e comércio, surgem as primeiras indústrias do Rio Grande do Sul, sobretudo a partir da acumulação de capital de famílias alemãs (Pesavento, 1994), dando origem à uma elite teuto-brasileira proprietária de grandes casas comerciais, que dispunham de bens diversificados e de influentes sobrenomes.

Os membros deste comércio de alto-nível não raramente eram proprietários de terrenos nos balneários da Zona Sul. Machado (2014) dá especial enfoque aos negócios da família Bromberg, cuja sociedade com outras famílias alemãs foi tão próspera que tornou necessário um gerente de encomendas na própria Alemanha. A empresa se tornou a maior distribuidora de equipamentos alemães na América do Sul, os quais permitiram maior diversificação e modernização do primeiro e segundo setor no estado, ainda no final do século XIX. Além das lojas, os Bromberg possuíam uma elegante chácara na praia da Pedra Redonda, localizada na atual Ipanema. As estreitas relações entre famílias germânicas tornaram possível o aproveitamento dos balneários também como local para negócios, que fortaleciam o desenvolvimento econômico da colônia alemã⁶ e, por conseguinte, financiavam a infraestrutura destes espaços de lazer, como hotéis, restaurantes, armazéns e meios de transporte.

Estas primeiras chácaras priorizavam espaços confortáveis e uma estética sofisticada. Era comum que escadas de poucos degraus que saíam das casas levassem diretamente a praias particulares, e a jardins meticulosamente aparados, repletos de árvores centenárias. Vestidos elegantemente, a família e seus convidados - por vezes da colônia inglesa - passavam as

⁶ Faz-se necessário destacar, também, a personalidade de origem portuguesa Juca Batista, um dos propulsores da ocupação de Ipanema. Distinto filantropo e comerciante, foi o fundador do primeiro armazém de secos e molhados no bairro, e proprietário de uma próspera chácara na região. Pode-se dizer que foi em uma de suas fazendas que o veraneio das elites porto-alegrenses teve início, com a construção do casarão de Antônio Francisco de Castro, mais conhecido por Comendador Castro. Castro foi comerciante, proprietário de imóveis, diretor do Banco da Província do Estado do Rio Grande do Sul, presidente da Beneficência Portuguesa, e Cônsul de Portugal no Rio Grande do Sul.

tardes nos charmosos avarandados de arquitetura alemã, dando *garden parties* ou praticando esportes aquáticos.

Figura 1 - Chácara da família Bromberg



Fonte: <https://janeterm.wordpress.com/2013/09/22/a-familia-bromberg-e-o-lazer-na-zona-sul/>

Em 1912, a Estrada de Ferro do Riacho, mais conhecida como Trenzinho da Tristeza, tema da dissertação do arquiteto e urbanista André Hoyer, *A Ferrovia do Riacho* (2010), foi estendida até a Praia Redonda e deu o pontapé na popularização das praias do Guaíba (Machado, 2014). Construído para transportar o lixo do Centro para os aterros da Zona Sul, seu lento itinerário passava pelos bairros Menino Deus, Cristal, Assunção e Tristeza, e facilitou o deslocamento da população para os balneários. A ferrovia durou pouco tempo, no entanto. O surgimento das estradas de cimento, das linhas de ônibus e dos automóveis logo substituiu o transporte ferroviário. Se no início da utilização dos balneários era a aristocracia comercial e industrial gaúcha que trocava seus sofisticados palacetes nos bairros Menino Deus e Independência por suas confortáveis vivendas nos meses de verão, com o advento do asfaltamento e instituição do transporte público, as praias do Guaíba rapidamente passaram a ser usufruídas por classes médias e populares.

No final dos anos 1930 surgem os loteamentos, como os projetados por Oswaldo Coufal e seus sócios, a Sociedade de Terrenos Balneário Ipanema LTDA, cujos lotes eram adquiridos por profissionais liberais e funcionários públicos e preenchidos com casas de madeira simples, no molde de *chalés*. Parcelas populacionais menos abastadas também

passavam o dia nas enseadas de acesso facilitado⁷, como Ipanema e Belém Novo, tomando banhos e fazendo piqueniques. Estes bairros se caracterizam por ruas largas - algumas ainda de paralelepípedo -, notável arborização, e uma sensação de tranquilidade, de outro ritmo temporal - muito diferente do Centro da cidade.

Figura 2 - Publicidade da Sociedade de Terrenos Balneário Ipanema, LTDA, publicada na Revista Globo. Chama atenção a dimensão dos terrenos: 20x600m.



Fonte: Revista do Globo, década de 1930.

⁷ As praias da Pedra Redonda, Vila Conceição e Vila Assunção tinham características mais elitistas, dado que não havia rua na orla. Boa parte das praias era privativa e eram acessadas por meio de barcos que atracavam nos trapiches de clubes náuticos.

Figura 3 - Flyer dos loteamento na Vila Assunção, destacando a infraestrutura existente no bairro e o tempo de deslocamento partindo do Mercado Público. 1941

Villa ASSUMPCÃO

CP
19/06/41

a 15 minutos de centros da cidade

já vos oferece os 5 elementos essenciais para a vida urbana:

- ÁGUA—
- LUZ—
- CALÇAMENTO-
- TELEFONE-
- TRANSPORTE-

CONSULTE NOSSOS MODERNOS PLANOS DE VENDAS E FINANCIAMENTO

MERCADO

IMMOBILIARIA VILLA ASSUMPCÃO LTDA.
RUA DOS ANDRADAS, 1079 - EDIF. DO CLUB DO COMÉRCIO - TEL. 6142

Fonte: Desconhecida, 1941.

Figura 4 - Flyer dos loteamentos na Pedra Redonda, antecedentes ao da Sociedade de Terrenos Balneário Ipanema, LTDA.

JUNTO A'

Pedra Redonda

NA PARTE MAIS BELLA DA

Margem do Guahyba

lugar ligado á cidade por estrada com faixas de cimento e que dista, apenas, poucos minutos do centro da capital, acham-se os

Terrenos

do BALNEARIO GUAHYBA, prompto para construcções
— MAGNIFICA BEIRA RIO DE FINA AREIA —
Inexgotavel POÇO ARTESIANO, com capacidade para fornecimento a todas ás construcções

Visitae o BALNEARIO e tereis a confirmação do valor dos terrenos.

Para mais informações dirigir-se a

Bülau & Cia.

RUA 15 DE NOVEMBRO N. 25 — 1º Andar
Telephone, 4477

7057

Fonte: Desconhecida, 1932.

O intensificado movimento da população da capital para as praias de Ipanema, Tristeza e Belém Novo ocasionou o desenvolvimento da vida social e cultural destes bairros, sobretudo com a criação de clubes, bares, hotéis e cinemas de rua, onde se organizavam saraus, festas populares, bailes e outras formas de recreação não necessariamente aquáticas. Tanto na área urbana quanto nos balneários, Porto Alegre experienciava novos meios de usufruir do tempo livre, graças a administração de Alberto Bins (1928-1937) e um rápido crescimento econômico e demográfico. É neste período que surge uma nova cultura urbana, ligada aos cafés, confeitarias, restaurantes, cassinos e cabarés, pontos de encontro de

segmentos mais abastados, e um aumento na procura de propriedades à beira do lago, proporcionando a manutenção de relações sociais, políticas e econômicas originadas no centro e extravasadas para as praias. Além dos benefícios da socialização, os discursos médicos enfatizavam a importância do banho do lago (e de mar) para o corpo e para mente, como fonte de equilíbrio e bem-estar.

Figuras 5 e 6 - Publicidade do Hotel-Cassino Belém Novo em jornal.

Hotel-Cassino Belém Novo
BAR — RESTAURANTE — SORVETERIA
Agora com sua nova direção, foi completamente reformado.
INAUGURAÇÃO
A direção do mesmo, convida o distinto publico portoalegrense, para assistir a inauguração de suas novas instalações, dia 5.
HERBERT GEHR
se fará ouvir, também, a orquestra do conhecido maestro Herbert Gehr, que está sendo disputada em nossas sociedades portoalegrenses.
PARQUE INFANTIL
No planalto do Hotel, foi instalado novo parque infantil, todo cercado, onde as crianças poderão brincar livremente.
APARTAMENTOS
O hotel dispõe de 30 apartamentos e mais uma residência nova, de material, com alguns dormitórios, que ficará anexa ao mesmo.

A fim de melhor atender os clientes - ta aos seus hábitos.
VERANISTAS! ATENÇÃO!!
Hotel Cassino Belém Novo
FONE: 5
O melhor veraneio e mais próximo da cidade.
PREÇOS BARATÍSSIMOS
Diária, CR\$ 45,00 para uma semana e mais dias; para crianças até 10 anos CR\$ 30,00.
APROVEITEM ESTA OPORTUNIDADE

Fonte: Desconhecida, 1949.

Para além dos espaços públicos, a vida social dos veranistas também acontecia nas residências, com festas de aniversários, churrascos, casamentos, chás da tarde e encontros informais entre amigos, familiares e vizinhos que também possuíam casas na região. Mesmo que fossem casas de uso eventual, voltadas para o lazer e o socialização, tinham um distinto caráter familiar: portas e janelas estavam sempre abertas, crianças podiam circular sozinhas

nas ruas de chão, padeiros e leiteiros entregavam produtos à domicílio, e, tradicionalmente, se frequentavam as missas nos domingos de manhã.

No final da década de 1950 o *boom* demográfico já trazia ares de metrópole para a capital. A rápida urbanização dos bairros margeados pelo lago fez emergir não só uma migração pendular de famílias que frequentavam a praia aos finais de semana - pernoitando em casas de veraneio próprias ou indo para a Zona Sul apenas para passar o dia -, mas também um bairro residencial de famílias tradicionais e de maior poder aquisitivo, cujo acesso às águas doces permitia a manutenção de hábitos de higiene, de sociabilidade e de diversão. Esportes aquáticos, como natação, canoagem e iatismo, deram origem a vários clubes náuticos e espaços recreativos ao longo da orla, e ainda podem ser vistos e praticados em áreas não poluídas.

1.2 Lazer e magnetismo pela água

Com a consolidação da República na virada do século XIX para XX, grandes cidades brasileiras passaram por um complexo processo de reorganização e higienização, a exemplo do Rio de Janeiro no governo de Pereira Passos (1902-1905). A necessidade de separar os espaços sociais de habitação e de trabalho privilegiou melhorias de infraestrutura na área central da cidade de Porto Alegre, enquanto áreas operárias, como o 4º distrito, e com menor densidade demográfica, como os bairros da Zona Sul, demorariam muito mais a receber as implementações de saneamento básico e mobilidade urbana.

Sob a administração de Otávio Rocha (1924-1928), abrem-se as primeiras avenidas largas e pavimentadas, como a Júlio de Castilhos e a Borge de Medeiros - a mais bela artéria da cidade na época -, arquetipadas para a circulação de automóveis e bondes elétricos. A Cidade Alta passa a abrigar as residências das elites em ascensão, como a Avenida Independência e extensão da Rua Duque de Caxias próxima a Catedral Metropolitana, paralelamente às campanhas de “saneamento moral” do centro da cidade, desmantelando becos, cortiços, porões e pensões populares.

Alberto Bins (1928-1937) aprofundaria esse processo de urbanização e modernização da cidade, criando as avenidas radiais que ligavam o centro aos bairros, como as Avenidas Protásio Alves e Bento Gonçalves, fundamentais para a expansão da cidade nos sentidos Norte a Sul, e, igualmente, para a verticalização do Centro. Pouco depois, Loureiro da Silva (1937-1943) assume a Intendência Municipal durante o Estado Novo, realizando grandes obras viárias, como a Avenida Farrapos e a atual Avenida Salgado Filho, demolindo uma parte

do centro composta de casarões coloniais e vários conjuntos de habitações populares. A redução no número de habitações disponíveis na área obrigou os grupos de baixa renda a migrarem para áreas cada vez mais periféricas. A canalização do Arroio do Dilúvio e a construção da Ponte da Azenha melhorou a comunicação com a Zona Sul; no fim da década de 1930, os bairros Praia de Belas, Menino Deus e Tristeza já eram arrabaldes populosos, em vias de urbanização.

Em meados de 1940, a cidade já beirava 300 mil habitantes. A enchente de 1941 marcava uma nova relação da cidade com o Guaíba, cada vez mais apartada da orla, dando início às obras de aterramento e drenagem do Arroio do Dilúvio. Por outro lado, a incorporação dos novos bairros na malha rodoviária facilitava muito o acesso aos balneários por ônibus e bondes elétricos. Os novos hábitos de consumo da década, no entanto, avolumavam-se aos problemas sociais e à crise de infraestrutura que começava a surgir na capital, prestes a consumir sua metropolização. O aumento explosivo da população - de 394 mil em 1950 para 641 mil em 1960 - contrastam com a visão bucólica dos “anos dourados”; a formação de vilas irregulares era acelerada e a administração municipal empenhava-se em varrer as áreas mais valorizadas da cidade para o uso das elites, como Pedra Redonda e Vila Conceição.

Nesse novo contexto, Porto Alegre dá ares de cidade grande, com os novos problemas da vida moderna aventados por Simmel (2005 [1903]). Concorre no interior de cada indivíduo a atitude *blasé* e antipática que o estar-no-mundo urbano exige, junto com uma oposição profunda à vida no campo e na cidade pequena. Se, por um lado, a pressa, a alienação de si e a desconfiança do ritmo de trabalho na metrópole sufocam, de outro, também inquietam as relações lentas, limitadoras e de constante vigília da cidade pequena. Talvez daí a vontade de veranejar na própria cidade, mas longe do ambiente laboral cotidiano; é uma busca pela convivência social num local mais aconchegante e tranquilo, mas não por tempo o suficiente para que sinta o cerceamento ou policiamento de seus atos.

Os balneários de Ipanema e Espírito Santo, com acesso direto do transporte público e uma extensão de praia pública um pouco maior do que as vizinhas, ficavam lotadas nos finais de semana. Mesmo que a capital contasse com um grande número de praças e parques, era a areia grossa e as águas tranquilas do Guaíba o maior atrativo para as famílias porto-alegrenses⁸. Apesar das praias do Guaíba não serem salgadas, as pesquisas sobre a

⁸ As praças e os parques não perdiam por muito menos. Porto Alegre foi pioneira na criação de “jardins de recreio” no início do século XX. Neste nicho de espaço de lazer, ver: FEIX, E. Lazer e cidade na Porto Alegre do século XX: a institucionalização da recreação pública. Porto Alegre: Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

construção social da praia marítima são valiosas para a pesquisa, uma vez que as primeiras foram substituídas pelas segundas, pelo menos enquanto a ligação da capital com o litoral gaúcho era precária. Machado (2000) sugere que o imaginário da praia não é neutro, e implica em relações de poder,

[...] que se exprimem na elaboração de determinadas técnicas corporais e padrões de sensibilidade para o contato com os espaços naturais. O modo como os atores sociais se relacionam com o espaço da praia tem por um lado, um carácter vincadamente classista, revelando estratégias de distinção social ou de reprodução da posição de classe. Por outro lado, os comportamentos na praia e os sentidos que lhe são dirigidos, são bastante diferentes consoante se é homem ou se é mulher. (ibid, p. 203)

Segundo o historiador francês Alain Corbin (1989), até meados do século XVIII prevalecia a interpretação bíblica do oceano caótico, incompreensível e intocável, que, somente a partir da secularização das sociedades ocidentais, vai ser contestada. Ao longo do século XIX, as classes sociais elevadas, influenciadas pelas teorias científicas da natureza como um conjunto lógico de fatos concretos, vão passar a experimentar novas sensações e novas práticas no mar. A “civilização” deste espaço se torna uma marca de distinção social, mesmo que o banho de mar já fosse um hábito das populações que viviam próximas a ele. Conjuntamente, vigoravam os discursos médicos europeus de “higiene corporal” junto à natureza; as práticas à “beira-mar eram recomendadas para solidificar a “robustez” das crianças, e para corrigir os distúrbios femininos”, como o que era chamado de histeria. Esta nova economia gestual se insere no processo de reconstrução de modalidades corporais burguesas, cujos efeitos só podem surtir fora do meio urbano e industrial. A medicina urbana francesa, por exemplo, emerge em um contexto de grande insalubridade produzida pelo crescimento desenfreado da população e das cidades. A falta de saneamento, a desorganização e má infraestrutura das edificações, o descontrole de doenças como a peste, enfim, eram problemas que demandavam uma urgente dominação e controle dos fenômenos médico-sanitários. A crítica ao meio urbano é o que propicia a edificação do prazer de estar ao ar livre, tendo a luz, as cores e a atmosfera pura como ingredientes fundamentais para a excelência corporal e uma mente sã.

A praia terapêutica dá lugar à praia lúdica no século XX. Ainda que se mantenha o imaginário de fuga das doenças urbanas, o principal aspecto simbólico da proximidade com o mar vai ser o rompimento efêmero com as emoções, sentimentos e ritmos do mundo industrial. A diferenciação entre tempo de trabalho e tempo de lazer exige disciplina emocional para se transitar entre a “normalidade” e a ruptura dela. No entanto, o espaço da praia não é uma terra sem lei; há uma série de códigos e padrões socialmente aprovados,

regulamentados por micropoderes, que regimentam o que Elias (1992) chamaria de “uma excitação controlada e bem equilibrada”, que tem efeito libertador, catártico. Desta forma, era o lazer e o recreio às margens aprazíveis do lago o que buscavam os porto-alegrenses nas primeiras décadas do século XX. Essa “mudança de ares” proporcionada pela liberação do trabalho é fortalecida pelo governo Vargas, que, além de instituir o direito ao repouso (atendendo às reivindicações dos movimentos de trabalhadores), também impulsionava o turismo.

Dumazedier (1979) define lazer como uma liberação periódica, diferente de ociosidade:

O lazer é primordialmente a liberação do trabalho profissional que a empresa impõe. Para a criança, é a liberação do trabalho imposto pela escola. O lazer é a liberação das obrigações fundamentais primárias impostas pelos demais organismos básicos da sociedade: instituição familiar, instituição sócio-políticas, sócio-espirituais. (ibid, p. 25)

Diante desse cenário favorável, famílias que não pertenciam à uma bolha restrita e elitizada veem-se diante da possibilidade de usufruir de um espaço voltado para a liberação, ora através do repouso, ora através da hiperatividade.

1.3 As casas de veraneio

A partir dos anos 1940, veraneiar na Zona Sul já não era mais um privilégio de poucos membros da elite porto-alegrense. Conforme dito anteriormente, famílias de classe média interessavam-se em construir ou comprar cômodos chalés de madeira nos balneários de Ipanema, Belém Novo e nas praias da cidade de Guaíba, cujo histórico de ocupação é aproximado às de Porto Alegre, embora um pouco mais trabalhosos de acessar. Martin (2015) identifica características-chave que compõem essas casas voltadas para as férias e finais de semana, denominadas pelo autor de “a outra” ou de segunda-casa, em razão da dualidade em relação à casa “oficial”, residencial. Na segunda-casa, predominam os espaços de socialização, em detrimento aos espaços íntimos, como os quartos e suítes; varandas e jardins são onipresentes; e não raro dispõem de piscinas, “suprindo o fascínio que a água tem sobre os seres humanos” (ibid, p. 5). Essas características não são meramente estéticas ou tipológicas, mas fazem parte de uma construção histórica e ideológica da segunda-casa e do que é compreendido como espaço de lazer. Seja ela na praia, na serra ou no campo, a segunda-casa situa-se em regiões próximas à natureza, longe dos centros urbanos, separando

ainda mais o lar e a diversão do ambiente de trabalho, processo iniciado na Primeira Revolução Industrial.

Essas casas podem abrigar, ao mesmo tempo, posturas distintas: a procura pelo refúgio e pelo isolamento, ou seu oposto, a procura pela extroversão e movimentação social. Com o surgimento de um “tempo para descanso”, a partir da diminuição da carga horária de trabalho, a burguesia ascendente do país passa a criar novos hábitos de lazer e saúde, buscando lugares agradáveis para recreação e para socialização, e, concomitantemente, à manutenção de relações econômicas, sociais e políticas com outros membros de sua classe.

Em *A Sociedade de Corte*, Norbert Elias sugere que a configuração espacial das formas de habitação oferecem um “acesso seguro e evidente para a compreensão de determinadas relações” (Elias, 2001, p. 67). Os espaços domésticos produzem e são produzidos por diferentes modos de ser e estar dentro de um ambiente privado, e a segunda-casa chama atenção pela justaposição dos espaços de socialização (coletivos) e espaços privados (individuais), quebrando a constância do dia-a-dia laboral, escolar e do lar oficial. Apesar de serem usadas como ferramentas de ostentação pelas elites, as “outras” que investiguei cumpriam mais a função de ser um local de refúgio para relações afetivas e atividades de lazer do que para a manutenção de privilégios ou negócios. Ao escrever sobre sua segunda-casa, na região do Vale do Café (RJ), Oscar Niemeyer comenta sobre a escolha do local retirado, longe das relações impessoais da alta sociedade carioca, mas próxima da natureza e da intimidade familiar. Distante da sofisticação esperada para uma casa de lazer, foi construída onde havia um galinheiro, com matérias-primas baratas que são complementadas e embelezadas pela ação das plantas, tornando o espaço um recanto de aconchego, tranquilidade e bem-estar, compartilhado com poucos amigos e familiares mais próximos:

Foi para atender meu pai que construí a pequena casa de Mendes, um local que também me conquistou. **Tranquila sem os encontros inesperados e a grã-finagem impertinente das áreas litorâneas.** E escolhi um pequeno terreno na estrada de Vassouras, cortado por um riacho que, naquela época corria docemente, crescido pelas chuvas. Em um mês fiz a casa, aproveitando um velho galinheiro que dividi em salas, quartos, cozinha etc., cobrindo-as com telhas de amianto, protegendo sua fachada com treliças de madeira. E a casinha tomou forma e a trepadeira a cobriu de flores, fazendo-a **pitoresca e acolhedora, como um prolongamento do jardim.** [...] E o programa da casa de Mendes se resumia ‘da casa para o bambuzal e do bambuzal para a casa’, como comentava jocoso, nosso amigo Eça. **Mas o bambuzal era lindo e dele muito se aproveitava, deitado na rede, olhando entre seus ramos os espaços infinitos imaginando-se com Exupéry no deserto,** a viajar entre as estrelas, montando neste velho planeta. **Gostava de Mendes, da intimidade que o Rio não mais oferecia.** [...] Tomávamos, então banho de piscina, passeávamos à volta do lago, ou ficávamos a conversar no terraço que as enormes quaresmeiras faziam violeta como a tarde a se despedir. [...] (Petit, 1998, p.273 *apud* Martin, 2015, p. 104-105, grifos meus).

A ideia de ter uma casa em um balneário na mesma cidade em que se morava não era estranha para meus interlocutores. Inclusive, ao se referirem aos deslocamentos entre a casa oficial e a segunda-casa, era comum que se referissem à “aqui” quando falavam de Porto Alegre, e a “lá” quando falavam de Belém Novo, bairro no extremo sul da capital, e Ipanema⁹.

Cláudio foi o primeiro que entrevistei para minha pesquisa. Professor universitário, frequentara a casa de veraneio pertencente à sua avó Dinorá quando criança, no Belém Novo, entre 1963 e 1976, ano em que foi vendida para dividir a herança entre o pai e os tios. Localizada na Rua Heitor Vieira, 59, a casa foi comprada para que toda a família usufruísse do espaço. A casa dispunha de sete quartos grandes que abrigavam os casais e seus filhos, com exceção do quarto da dona da casa, que era viúva e ocupava um quarto menor. Além dos quartos, a casa contava com uma grande cozinha com fogões a lenha e a gás; um avarandado com cadeiras de balanço; um quintal com horta e pomar; uma área externa coberta que abrigava uma grande mesa retangular com banco, ambos de madeira, onde a família realizava refeições; e, como de costume para a época, um único banheiro a ser dividido entre os cinco filhos da matriarca, genros, noras e netos - e, ocasionalmente, a irmã Ercília -, o que obrigava todos os quartos a terem um penico de porcelana branca para momentos de urgência. No período, Cláudio morava com os pais na casa de Dinorá, na Avenida Venâncio Aires, e a família ia à praia nos finais de semana e no verão. Sua descrição da casa revelava um ambiente familiar, onde a parentela de ascendência italiana convivia com uma avó de pulso firme, algumas intrigas entre a sogra e as noras, mas unidos apesar de tudo.

César também frequentou o Belém Novo quando criança, mas cerca de dez anos antes: entre 1945 e 1959. Por coincidência, seus pais possuíam um chalé na mesma rua em que a avó de Cláudio, a menos de 100 metros de distância uma da outra, na Rua Heitor Vieira, 190. Ao contrário de Cláudio, porém, os frequentadores da casa delimitavam-se à sua família nuclear, que também morava na Cidade Baixa, na Rua Lima e Silva. O pai, Gaspar, havia primeiro adquirido um pequeno chalé de 25 metros quadrados na Rua Carlos Flores, a algumas quadras da praia. Com o nascimento de César e, cinco anos depois, da filha mais nova, Conceição, construiu um segundo chalé, com dois quartos - para o casal e para as crianças -, um galinheiro, um avarandado maior e uma cozinha mais ampla. César lembra que a qualidade da construção do segundo chalé era superior à do primeiro, que, além de ter apenas um quarto, não tinha depósito para guardar o barco da família. O solo dos dois chalés também era

⁹ A longa distância entre os bairros centrais e balneários parece indicar uma noção de alteridade “lá”, a partir da ruptura com o tempo do cotidiano, mas, também, porque esses arrabaldes na Zona Sul só vieram a ser reconhecidos como bairros oficiais muito tempo depois do início de sua ocupação: Ipanema só foi oficializada como bairro municipal em 1959, e Belém Novo em 1991.

diferente: o primeiro, mais úmido, possibilitou a plantação de um viçoso pomar, acessado mesmo após sua desocupação; o segundo, mais arenoso, era rodeado de vastos cinamomos, onde a família pendurava redes para a sesta da tarde. No lugar das cadeiras de balanço, o avarandado da família de César contava com as cadeiras-preguiçosas, típicas do design dos anos 1950, onde a mãe e a irmã sentavam-se para ver o movimento da praia nos domingos de sol.

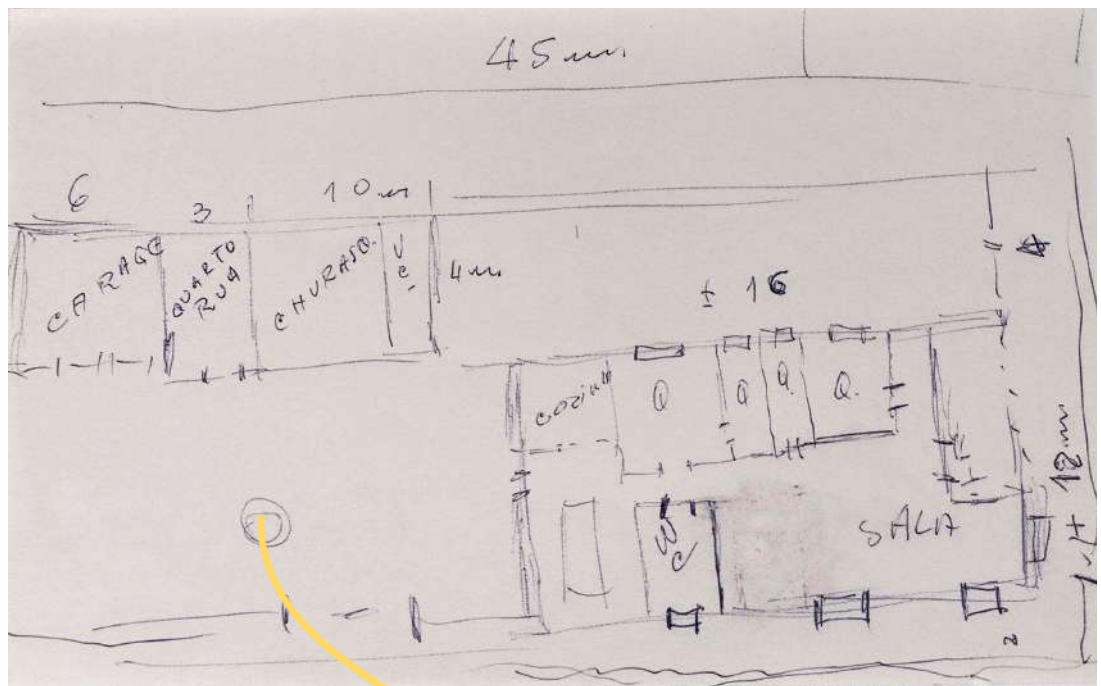
Quase vizinha de César na Cidade Baixa, entre 1950 e 1960 Maria Emília morava com os pais e os sete irmãos na Rua da República. Seu pai, sobrinho-neto do comerciante Juca Batista, depois de muitas idas e vindas pelo país, comprou - ou herdou, não sabemos ao certo - um sítio em Ipanema, na Rua Ladislau Neto. O chalé, assim como os outros supracitados, também incorporava um grande avarandado e um puxadinho para a longa mesa de churrasco, retangular, de madeira maciça, com bancos. Apesar do grande número de frequentadores, tinha apenas três quartos - o dos pais, o dos meninos e o das meninas -, e também apenas um banheiro. A proximidade com terrenos úmidos e muita vegetação ocasionava a inconveniente e frequente visita de rãs, mas, por outro lado, permitia que o quintal da casa fosse repleto de figueiras, cinamomos onde se instalavam as redes, ciprestes, e um belo jardim de rosas que sua mãe cultivava, além de um pequeno apiário e pés de maracujá que seu pai havia trazido de Brasília.

As figueiras também eram o xodó de Dupuy e sua esposa Delci, que entre os anos 1960 e 1970 se deslocavam da região do bairro Floresta até a praia de Florida, na cidade de Guaíba. Em conjunto com a irmã e o cunhado de Delci, o casal havia comprado, primeiro, uma pequena casa na praia da Vila Elsa, em Guaíba, que, devido à proximidade com a BR-116 e a pouca infraestrutura do bairro, foi vendida. A segunda casa, também comprada pelos quatro, era semelhante a um chalé, só que maior, e estava num terreno de mais de 500 metros quadrados, dos quais a maioria era ocupado por árvores centenárias. Os dois casais tinham, cada um, dois filhos de idades próximas, e frequentavam sempre que possível as praias fluviais da Vila Elsa, Florida e Alegria. Além da casa, a família havia construído um pequeno depósito para guardar os carros e a lancha que usavam no lago¹⁰, além de um espaço para churrasqueira, e - mais uma vez ela aparece! - uma grande mesa de churrasco de madeira com banco. Enquanto Delci me mostrava os quadros que a irmã Dulce havia pintado em vida,

¹⁰ Com a lancha, Dupuy e as crianças chegavam a atracar até na Ilha das Pedras Brancas, mais conhecida como Ilha do Presídio, praticamente no meio do caminho entre Guaíba e Porto Alegre. Durante a ditadura militar, o presídio ali instalado passou a receber presos políticos e diversas denúncias de tortura. Um dos casos mais conhecidos é o do sargento Manoel Raymundo Soares, que, cinco meses após a sua prisão na ilha, feita pelo DOPS, foi encontrado morto com as mãos amarradas nas costas nas águas do Guaíba.

Dupuy - que só sabia falar riscando - gentilmente desenhou uma planta-baixa simples da casa, indicando o espaço dos cômodos, do anexo e da figueira em que uma de suas filhas está sentada em uma das fotografias que ele me mostrou, conforme pode ser visto na Figura 7.

Figura 7 - Planta-baixa da casa de Florida, desenhada por Dupuy. O círculo na parte inferior, à esquerda, se refere à figueira em que uma de suas filhas está sentada.



Fonte: Acervo da família Ferreira.

A bibliografia historiográfica atrela a decadência dos balneários à poluição da água, que teve início com a canalização de resíduos e de esgoto cloacal para o Arroio do Dilúvio, cuja calha central desemboca no Lago, na altura da Avenida Ipiranga. Os despejos da

indústria de celulose Borregaard¹¹, instalada em 1972 em Guaíba, também aceleraram o processo de degradação da praia; o mau cheiro era tão forte que se sentia na margem de Porto Alegre. Jornais e revistas da cidade publicavam periodicamente sobre a sujeira das praias e a propensão às doenças de pele causadas pelo contato com a água. Não obstante, a impureza da água ou a imundície das praias não foi citada como motivação para a interrupção do veraneio nas praias fluviais por nenhum de meus interlocutores. Na verdade, houveram apenas duas razões para tal: a morte dos proprietários e a inevitabilidade da divisão da herança, e a abertura de estradas que ligavam a capital ao litoral gaúcho, em especial Torres e Tramandaí, gerando a possibilidade de se ter uma propriedade em praia de água salgada.

Dupuy relatou que o aumento de roubos na região da Florida também foi um impulsionador para a saída. O bairro tinha muitas casas de veranistas, que só se deslocavam até lá nos finais de semana. Em dado momento, quando a família chegou na casa, não encontrou uma das paredes:

Laura: Vocês chegaram a ser assaltados em algum momento?

Dupuy: Várias vezes. A última vez, quando a gente se decepcionou total, os ladrões levaram a parede inteira, eles abriram [a parede]! Toda a parede...

Laura: Como assim?!

Dupuy: Nós chegamos lá e não tinha parede no nosso quarto.

Laura: Meu Deus?!

Luiza (neta do casal): Não, levaram tudo, tudo!

Dupuy: Te lembra, Delci?

Luiza: Tanto é que ela pegou os vitrôs¹²...

Delci: Eu não ouvi...

Dupuy: Nós chegamos lá e os ladrões tinham tirado a parede do nosso quarto! (gritando)

Delci: Não me lembro...

Dupuy: Bah, mas eu me lembro!

Luiza: Mas os ladrões tavam levando tudo, né?

Dupuy: Tudo! Levavam todas as panelas, louças, tudo o que eles achavam eles levavam.

Laura: Móveis também?

Dupuy: Tudo o que eles achavam.

Delci: Eles levaram até tapete...

[...]

Laura: Mas era um pessoal muito pobre ou só eram safados mesmo?

Dupuy: Não. Tu sabes que, só naquela zona ali da beirada do rio até a estrada principal, eram casas de veranistas, o resto eram vilas. Eram vilas. E vilas pobríssimas. Tanto que quando chegávamos no fim de semana eles viviam pedindo coisas pra gente. Todo instante eles tavam lá: "Tem alguma coisa, alguma comida? Sobrou alguma comida? Sobrou um... O que que sobrou aí?", e a gente aí procurava sempre criar uma situação amigável, né. Já tentando se... Mas isso foi aumentando de uma forma tal que transformou-se num perigo extenso. Quando a gente saía de lá, eles experimentavam. Saíram, foram viajar, foram embora, eles então arrombavam

¹¹ O Jornal Gaúcha Zero Hora detalha a história da Borregaard no especial disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/especiais/desastres-ambientais/borregaard.html>. Acesso em 16/10/2021.

¹² O pontapé para que Delci me mostrasse os quadros de sua irmã, na verdade, foram janelas de vitral colorido que o casal havia instalado na casa oficial. Para que não fossem roubados, Delci os retirou da casa de praia e os trouxe a Porto Alegre.

do jeito que pudesse. E levavam tudo! Prato, talheres, tudo o que eles conseguissem levar eles levavam.

(DÓRIA FERREIRA, Dupuy; FERREIRA, Delcy. Entrevista concedida à autora.

Porto Alegre, 26 ago. 2021)

Depois de inúmeros assaltos, Dupuy, Delci e seu casal de sócios resolveram vender a casa e comprar apartamentos separados em condomínios fechados em Tramandaí, que frequentam até hoje. A relação de Dupuy com a casa de Florida é muito diferente da relação de Delci, e será explorada no próximo capítulo.

Os pais de César tiveram atitude semelhante em relação a casa de veraneio no Belém Novo. Até a inauguração do trecho da BR-290 que liga Porto Alegre a Osório, na década de 1970, chegar no litoral era possível através da Estrada Velha, a RS-030, construída majoritariamente em pista simples. Gaspar gostava muito da praia, e numa oportunidade conseguiu comprar um apartamento em Torres, no litoral norte.

Laura: E qual foi o motivo de vocês pararem de ir?

César: De ir? Meu pai comprou um apartamento em Torres. Fez uma barbada e daí ele comprou.

Laura: E naquele período, antes dele comprar apartamento em Torres, não tinha estrada pra lá, era muito precário ou...

César: Não, a mesma estrada Juca Batista, era a mesma coisa. Estreita. Hoje até eu acho muito perigoso ir até Belém Novo, justamente porque ela é muito estreita. Muito, muito, pelo trânsito que tem, obviamente. [Naquela época] também não tinha tanto trânsito.

Laura: Sim. Mas aí ele ter comprado a casa lá foi mais por que “ah, prefiro ter casa na praia”, por que era muito barato ou teve alguma melhora na infraestrutura para vocês irem pra lá?

César: Não, meu pai adorava praia. Meus pais né, minha mãe também. Adoravam praia, tomar banho. Tanto é que na praia, em Torres, ele se aposentou em 1965 e também continuou indo. Bom, o verão dele e da mãe começava em novembro e terminava em abril, né. Iam pra lá toda temporada... e depois no inverno quando podiam iam também, dava um veranico o pai arrumava as malas e ia.

(DÓRIA FERREIRA, Dupuy; FERREIRA, Delcy. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 26 ago. 2021).

Maria Emília igualmente menciona o esvaziamento do balneário Ipanema durante os dias de semana e o aumento dos assaltos às casas de veraneio, mas isso não motivou o abandono do local. Quando seu pai adoeceu, no final dos anos 1950, emancipou Maria Emília, a caçula, para que pudessem vender a propriedade, uma vez que a mesma estava em nome dos filhos. O destino do sítio é o mesmo de muitas propriedades em Porto Alegre:

Maria Emília: [...] O Zaffari comprou toda essa parte, ele comprou as casas todas, inclusive o terreno do meu pai, e cercou. Até hoje tá tudo cercado. Não existem mais casas ali, tá tudo cercado. E, dizem, até hoje, que o Zaffari ia fazer um Bourbon. Nunca saiu o tal do Bourbon. Tá ali o cercado enorme.

(GARCIA DE VASCONCELLOS, Maria Emília Rolim. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 20 ago. 2021).

A família de Cláudio também era grande. A árvore genealógica de cada um dos interlocutores será melhor explorada no capítulo seguinte, mas, em resumo, seus avós tiveram cinco filhos, que geraram treze netos. A venda do imóvel facilitou a divisão dos bens entre eles:

Cláudio: O meu avô tinha falecido e o meu avô deixou para ela alguns imóveis, dentre eles a casa de veraneio. O meu avô tinha sido Comandante do 3º batalhão, ele era militar, e ela também era filha de militares, entendeu? Eu não cheguei a conhecer meu avô, ele morreu em 1954 e eu nasci em 1963.

Laura: É... essa casa foi vendida depois?

Cláudio: Essa casa foi vendida por coisa de inventário, entendeu? Minha avó deixou 4 casas para serem vendidas. Então tinha a casa da Venâncio Aires, tinha duas ali na Rua 17 de Junho e tinha a casa de veraneio. E aí como ela tinha 5 filhos, todos decidiram vender pra dividir o espólio.

(MAZZILLI, Cláudio. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 13 ago. 2021).

Para além das práticas de veraneio - nome que dei às coisas que se faziam nas casas de praia e no seu entorno -, meus interlocutores parecem ter compartilhado experiências estéticas muito parecidas em relação às suas segundas-casas. Minha expectativa de ver fotos delas foi quebrada na maioria das entrevistas, porque, de fato, tirar e revelar fotos naquela época era muito caro, e quando eram feitas, priorizavam-se ocasiões e presenças especiais - como visitas de parentes distantes e datas comemorativas. A pouca idade dos veranistas na metade do século passado também obscurece suas lembranças dos espaços internos, em detrimento dos jardins, quintais, quadras de futebol e vizinhanças. Apesar disso, há um vocabulário bem preciso do que se podia encontrar no meio da casa: avarandados, bicicletas, boias, bolas, cadeiras de balanço, cadeiras-preguiçosas, chão batido, churrasco, cinamomos, figueiras, mesas de madeira compridas com bancos, pomares, rãs, redes, vizinhos, visitas. Longe de serem palacetes ou grandes casarões, os chalés de veraneio eram principalmente construídos de madeira - os anexos costumavam ser de alvenaria -, tinham móveis simples, pouco ou quase nenhum eletrodoméstico, um único banheiro, e quartos compartilhados. A interação com a paisagem natural também se dava pelo cultivo de alimentos nas hortas, não só pelo banho no rio e o uso das árvores para pendurar redes.

Ainda que algumas regras da casa oficial fossem mantidas, como o horário para comer, quando perguntados sobre as emoções que a casa afluía, as respostas preponderantes eram de lembranças positivas, relacionadas à liberdade que se tinha nesses espaços, tanto no deslocamento entre a casa-praia, quanto nas relações sociais que se constituíam nos bairros com outros moradores e veranistas. No próximo capítulo discutirei como essa liberdade tem significados diferentes a depender de gênero e de idade, me opondo à ideia de que na casa de

praia há um desvencilhamento radical de convenções sociais do mundo urbano e da divisão sexual do trabalho.

2. MULHERES, HOMENS E CRIANÇAS: DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E DO LAZER

2.1 "Não quero mais saber da Florida!"

Ao investigar os usos do tempo livre nos finais de semana de bairros periféricos na grande São Paulo, Magnani (2002) observa que as dinâmicas do lazer operavam além da reposição de “forças despendidas durante a jornada de trabalho” (p. 20), mas representavam, principalmente, uma oportunidade de estabelecer e exercitar as regras de reconhecimento e lealdade das redes de sociabilidade em que os atores sociais estão envolvidos. Por outro lado, era possível distinguir as formas de entretenimento e encontro características de homens, em contraposição às de mulheres; de crianças em oposição às de adultos; de jovens rapazes e moças, e assim por diante. Ou seja, o lazer não constituía uma totalidade homogênea, disponível e aproveitável por todos, de forma aleatória.

No caso do veraneio nos bairros de Ipanema, Belém Novo e Florida, essas possibilidades de aproveitamento do tempo estavam ligadas com as demandas que a casa e seus usos exigiam. Isto porque não posso deixar de lembrar que a casa de veraneio, acima de tudo, é uma casa. Se há uma divisão sexual do lazer, é inerente ao espaço privado que haja, também, uma divisão sexual do trabalho doméstico. Essa hipótese só veio à tona quando entrevistei Dupuy e Delci, que foram, nomeadamente, os únicos donos oficiais - e não herdeiros ou filhos dos donos - de uma casa de veraneio entre as décadas de 1960 e 1970. As memórias de infância de meus outros três interlocutores estavam sempre ligadas a aspectos positivos do veraneio, onde a liberdade, o descanso da escola e a sociabilidade com irmãos, amigos e vizinhos era preponderante. Talvez por isso eu tenha ficado tão surpresa com as respostas de Delci, que, apesar de pouco ter falado devido à sua deficiência auditiva e a empolgação do parceiro em contar histórias do casal e das filhas, revelou o quão custoso era o deslocamento e a estadia na praia da Florida.

A princípio fiquei aflita em tomar a história individual de Delci para conjecturar sobre uma possível experiência coletiva de mulheres nesse contexto de lazer. Mas fato é que, apesar de ter sido a única pessoa em situação de *esposa e mãe* naquele período, as falas de meus outros interlocutores também traziam a presença feminina no ambiente doméstico, mesmo que residualmente. Diante disso, fiz uso da minha habilidade de *imaginação sociológica* - ou melhor, *antropológica* -, tão cara às primeiras disciplinas do curso de Ciências Sociais, para tentar compreender como homens, mulheres e crianças se relacionavam com o espaço da casa,

tendo como aporte as discussões feministas de divisão sexual do trabalho doméstico, e a noção de etnobiografia.

Segundo Gonçalves (2012), a biografia ainda não recebe a devida atenção no campo das Ciências Sociais. Parece que, a partir da conceituação de indivíduo desde Durkheim, há um comportamento reativo dos pesquisadores que, na busca de autoridade científica e “garantia” de acesso a uma interpretação da realidade, os obriga a construir uma representação anti-individualista em suas etnografias. A produção de um *personagem*, por outro lado, pode ser positiva porque *é o próprio narrador* que decide quais fatos e eventos são relevantes para a sua narrativa, revelando aspectos íntimos de sua subjetividade e de sua experiência cultural. Assim, quando meus interlocutores falam sobre sua intimidade, como se relacionavam com a casa e com as pessoas de suas redes sociais, me dão a possibilidade de compreender seus modos de estar-no-mundo, seus valores, suas práticas sociais.

Meu acesso à história de Delci se deu, além da entrevista, a partir dos comentários, elucidações e contextualizações que sua neta e minha colega de curso, Luiza, me passou antes e depois do nosso encontro. Friso *nosso* encontro porque Luiza esteve presente na entrevista como partícipe, de um lado, falando ao pé do ouvido da avó o que a surdez não havia permitido que ela ouvisse, e, de outro, estimulando o diálogo, fazendo perguntas, conversando paralelamente com Delci, enquanto minha atenção estava voltada para Dupuy. Deste modo, foi através de Luiza que eu soube que sua avó não gostava muito da praia de Florida.

Durante nossa entrevista, Delci deu poucos, mas sólidos, sinais de que ir para a Florida não era sua atividade favorita aos finais de semana. Quando perguntada sobre a casa, suas respostas circulavam em torno de um vocabulário que ia da relação com as irmãs, que também frequentavam a praia, às reclamações sobre o trabalho doméstico dobrado que se tinha na casa. A despeito da idade, 85 anos, Delci relatou com detalhes sua bagagem profissional em contabilidade no escritório da família, cujo incentivo para capacitação veio do Colégio Dom Pedro II (atual Pastor Dohms), onde ela fizera o primário. Conciliando sua participação na feminização do mercado de trabalho com o papel de mãe e esposa, Delci era uma dos oito frequentadores da casa da Florida (Figura 8). Duas famílias eram proprietárias do imóvel: Dupuy, Delci e as filhas Simone e Ângela; e a irmã de Delci, Dulce, casada com Vitor, com quem tinha dois filhos, César e Cláudio (Figura 9).

Figura 8 - Construída de madeira, estava localizada numa esquina, a algumas quadras da praia.



Fonte: Acervo da família Ferreira.

Figura 9 - Da esquerda para a direita, os adultos, Delci, Dupuy e Vitor, e as crianças, Simone, Ângela, César e Cláudio. Provavelmente Dulce é a fotógrafa. Foto tirada na Praia da Florida, em Guaíba.



Fonte: Acervo da família Ferreira.

Delci narra que, além das atividades desenvolvidas na Sociedade de Amigos das Praias de Florida e Elza (SAFE) - assunto tratado no terceiro capítulo -, seu maior passatempo era transitar entre sua casa e a da outra irmã, Nice, sempre na companhia de Dulce. As idas à praia também eram acompanhadas das irmãs, no que ela conta um episódio:

Delci: Eu vou contar... [A gente] Tava a uma quadra do rio, né, aí a Dulce, nós muito alemoas (sic), né, disse: "Hoje nós vamos ver pegamos uma corzinha... Eu ouvi falar [que] a gente [pode] botar Coca Cola [no corpo]"... Daqui a pouco vinha umas moscas - não muitas -, mas vinha umas moscas [ao nosso redor]... Aí... [Tivemos] que nos atirar no rio... A gente passou umas coisas... Não era muita mosca, mas vinha.

Laura: Melhor mosca do que formiga, né?

Delci: A gente se divertia.

(FERREIRA, Dupuy D.; FERREIRA, Delcy. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 26 ago. 2021).

Nos ambientes coletivos, segundo Dupuy, as mulheres jogavam vôlei ou, então, “ficavam na futrica ali de jogatina de carta”. Em casa, no entanto, as atividades começavam com a faxina dos cupins:

Laura: E você acha que lá em Florida tu trabalhavas mais do que aqui [a casa oficial]?

[...]

Delci: Sim, porque a casa era um chalé velho, cheio de cupim. Então eu vou contar. A minha irmã, essa que pinta [a Dulce], ela tinha as ideias dela. Ela levantava com os olhos vermelhos e eu disse: "O que que é isso?", "Isso aí são esses cupins. Pode deixar", ela disse. Saiu a caminhar, trouxe cabos de vassoura - quatro -, botou na ponta da cama aqui e aqui, estendeu um lençol...

Dupuy: Um lençol em cima...

Delci: No outro dia ela levantou: "Ó, não tô com os olhos, vem cá ver". Aí fomos olhar o lençol, era um cupim só. Aí ele trabalhava muito pra manter aquilo. Que... A Joice [uma amiga] foi um domingo lá e disse: "Esse é teu programa? Esse é teu programa no domingo?! Isso aqui não queria por nada!". Era muito trabalho.

(FERREIRA, Dupuy D.; FERREIRA, Delcy. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 26 ago. 2021)

A exaustão provocada pelo trabalho que manter a casa exigia foi motivo de briga e quase divórcio. Na verdade, em vários momentos Delci mencionava que só ia para lá porque o marido e as filhas gostavam muito e ela os acompanhava:

Delci: Eu ia pra Florida porque eles gostavam demais... Mas não era meu forte - mas tudo bem. A gente tava com as irmãs e tudo, foi bonito enquanto durou. Mas... Eu não... Eu queria ficar em Porto Alegre.

Laura: Mas ficou feliz quando acabou também?

Delci: Ah sim! Aí eu disse pra ele, a gente chegava lá no sábado, faltava bujão de gás, faltava [outras coisas], [vinham] os ladrões, daí quando foi o terceiro sábado [seguido]: "Dupuy, eu não venho mais! Não quero mais saber da Florida". Aí ele queria me separar! (rs) Ele ficou numa fúria! Eu disse: "Eu não vou mais! Eu tenho que chegar lá e limpar tudo aqueles cupim, não, de novo comprar botijão de gás, limpar tudo, não quero mais!". Foi um período que ele ficou horrível! Mas eu disse que não ia mais. Aí terminou essa fase, procurou vender lá, né?

(DÓRIA FERREIRA, Dupuy; FERREIRA, Delcy. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 26 ago. 2021)

Quando perguntei a Dupuy que emoções afloravam ao lembrar do período, ele ressalta os bons momentos compartilhados com pessoas queridas, mas, sobretudo, a formação que pôde dar às suas filhas, em termos de valores, tirados da vivência do veraneio. Ainda que se

tentasse esmaecer o desgosto de Delci quando ela se distraía em meio às outras pessoas, Dupuy concorda que a hora de ir embora era uma festa para ela.

Hirata (2015) aponta que as pesquisas “Uso do Tempo”, realizadas na França, são importantes ferramentas para observar a divisão sexual do trabalho doméstico entre homens e mulheres em relacionamentos heterossexuais. Em 1999, a pesquisa *Emploi du Temps* mostrava que mulheres realizavam pouco mais de quatro horas diárias de trabalho doméstico, em oposição às duas horas dos homens. Eles participavam da jardinagem, pequenos consertos e trabalhos de bricolagem, das compras e de jogos educativos com as crianças; no entanto, a porcentagem é notavelmente menor de homens que realizavam trabalhos domésticos repetitivos, como lavar a roupa, limpar a casa, lavar o banheiro, etc. Cerca de 80% das tarefas domésticas eram realizadas pelas mulheres - cenário que se repetiu na pesquisa realizada em 2010. O cuidado com os filhos também apresenta disparidades: trocar as fraldas, dar banho, dar refeições - atividades voltadas para bebês e crianças menores -, também é majoritariamente realizado por mulheres.

Silva et. al (2012) associam a intimidade e a comunicação conjugal como fatores estruturantes de uma distribuição mais igualitária do trabalho doméstico, do mesmo modo em que Rohler e Huinink (2010) sugerem que diversos tipos de conjugalidade e relações afetivas marcam a divisão sexual do trabalho entre cônjuges de modo diferenciado. No caso de Dupuy e Delci, a ascendência alemã era eventualmente evocada para explicar determinados comportamentos - ou ausência deles -, como a demonstração de afeto verbal, em detrimento do físico, e pode dar uma pista sobre as dinâmicas de atribuições de tarefas por representar uma certa noção de tradicionalidade e ancestralidade nas relações da família.

Apesar desse atrito com a limpeza da casa, em alguns momentos Delci revelava que a companhia da irmã Dulce, com quem cozinhava as refeições das famílias, era muito positiva. A alimentação era regida pelas duas, que providenciavam arroz, feijão, massa, carne assada, inclusive dando suporte aos homens aos domingos, em que eles preparavam churrasco. Nos invernos, era costume tomar café com bolinho de chuva embaixo das cobertas (Figura 10).

Além disso, somente os chás da tarde e bailes promovidos pela Sociedade de Amigos parecem evocar alguma animosidade em Delci. O casal me contou que a cada final de semana uma sócia ficava encarregada de organizar um jantar dançante ou um chá beneficente, e que era grande a competitividade para ofertar um evento melhor do que o anterior (Figura 11).

Figura 10 - Da esquerda para a direita, Ângela, Vitor e Simone numa tarde de inverno na Florida.



Fonte: Acervo da família Ferreira, década de 1970.

Figura 11 - Jantar dançante organizado por Delci, de vestido verde, na SAFE. Ao seu lado direito, Dupuy, e em pé o presidente da Sociedade na época, Marcílio.



Fonte: Acervo da família Ferreira, década de 1970.

Explorarei esses chás e jantares como formas de sociabilidade no terceiro capítulo. Por hora, estes eventos chamam atenção porque eram atividades diretamente ligadas ao trabalho

feminino, em termos de planejamento, organização e apresentação. Mesmo que o preparo dos alimentos fosse feito por outras pessoas, eram as próprias mulheres que procuravam e contratavam uma equipe de cozinha e limpeza. Pelo que entendi, a participação dos homens somente acontecia na discotecagem das festas e em trabalhos que demandassem alguma força física. Para além disso, as principais atribuições que os eventos exigiam eram dadas às sócias, que as realizavam com grande satisfação, impulsionadas pelo jogo de competitividade entre elas. Curiosamente, esta tarefa parecia agradar Delci: talvez por não ser quem ficasse encarregada apenas pelo trabalho repetitivo de preparar as refeições ou fazer a faxina, era onde sua criatividade e carisma pareciam ser melhor explorados.

Na próxima seção, apresento a família de Cláudio e, em especial, sua avó Dinorá, matriarca incontestável, dona de uma casa de veraneio no Belém Novo. Como chefe da família, Dinorá tinha relações (unilaterais) espinhosas com suas noras, e apesar de sua propriedade estar a 100 metros da água, era a que menos frequentava a praia.

2.2 “Família italiana é assim”

Claudia Fonseca (1998) aponta para as limitações das entrevistas em etnografias, uma vez que, na tentativa de agradar a pesquisadora, o informante tece seus exageros. Ao assumir determinados discursos, porém, os interlocutores não estão sendo falsos, nem verdadeiros, mas dando indícios de uma parcela de uma realidade social multifacetada. Tendo em vista essa singularidade, a antropologia se diferencia das outras ciências sociais por inverter a lógica do geral ao particular, situando seus sujeitos - que, em geral, não foram escolhidos por serem um “tipo ideal” representativo -, em um dado contexto histórico e social. Além desses aspectos, e talvez este seja mais preponderante, a pesquisa qualitativa *necessariamente* exige a ruptura com as perguntas e hipóteses iniciais de seu projeto, a partir dos diálogos com os participantes do campo, que suscitam novas indagações e requerem novos desdobramentos.

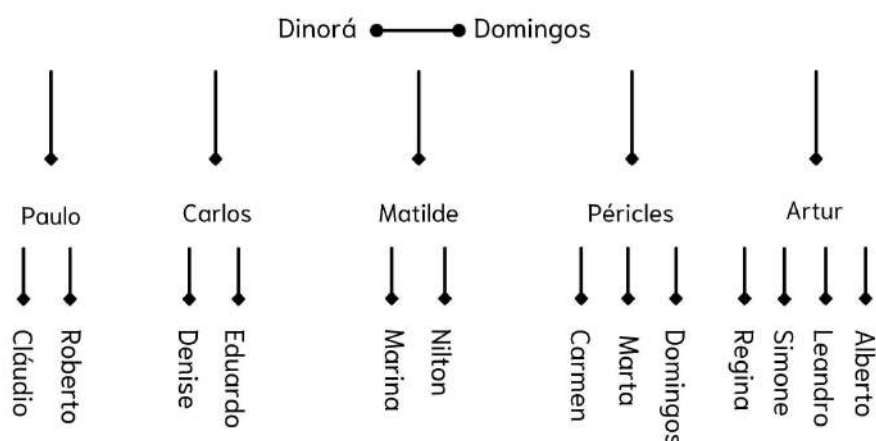
Em meu projeto de pesquisa, realizado na disciplina de Projeto de TCC em Antropologia, minha principal questão era como a intimidade se manifestava dentro do ambiente da casa de veraneio. Daí elaborei uma série de perguntas muito específicas para tentar encontrar respostas, que, como esperado, acabaram fazendo surgir outras perguntas e outros encaminhamentos para a pesquisa. A primeira coisa que notei foi que, mais do que a casa, seu ambiente interno, seus cômodos, enfim, as memórias relativas à sociabilidade se davam em seu entorno, como o quintal, a rua da frente e as ruas vizinhas, as árvores, os campos de futebol e as praças. Isto me fez perceber que *intimidade* estava ligada à liberdade

de ir e vir, à confiança de deixar crianças soltas na rua, ao convívio familiar e à familiaridade com a paisagem. Os detalhes mais ínfimos, no entanto, não podiam ser acessados a partir das lembranças longínquas - que roupas vocês usavam?, que móveis e objetos podíamos encontrar na casa?, havia algo em que você não podia mexer?, dentre outras questões ligadas à cultura material -, mas exigiam uma observação-participante que não pôde acontecer. Superada essa desilusão, encontrei como solução uma escuta mais livre ao que estava sendo dito, procurando chegar em similaridades em termos de experiências com a casa, relações sociais familiares, práticas de veraneio e deslocamentos entre cidade-balneário.

Nesta seção, quero dar destaque às relações intra e extrafamiliares estabelecidas na rede de Cláudio, que me ofereceram vestígios das interações dos frequentadores usuais da casa e dos frequentadores esporádicos, e que também têm ligação com a divisão sexual do trabalho doméstico. Em especial, a relação de sua avó com as noras no ambiente da casa de veraneio.

A avó de Cláudio, dona Dinorá, tinha ascendência portuguesa, era filha de militares e também casada com um militar, de ascendência italiana, que, à época, era Comandante do 3º Batalhão da Brigada Militar. Talvez por sua criação, personalidade ou proximidade com a família italiana do esposo, Dinorá parecia se encaixar no perfeito estereótipo de *matriarca*. Cláudio enfatizava a presença da avó como a manda-chuva da casa de veraneio, dos casamentos, dos filhos e dos netos. Apesar dos frequentes atritos gerados por essa conduta, era ela quem colocava panos quentes nas brigas e restaurava a harmonia da convivência. Numa família tão grande, a representação gráfica se faz necessária para melhor elucidar a árvore genealógica dos frequentadores da casa de Belém Novo (figura 12).

Figura 12 - Árvore genealógica da família de Cláudio. Com exceção de Alberto, o primo mais novo, e do avô Domingos, que já era falecido, todos da família frequentaram Belém Novo.



Fonte: Elaboração minha.

Dos tios, Péricles e Artur eram os que menos frequentavam o espaço. Por outro lado, a família de Carlos, cujo sogro também tinha uma casa no balneário, de Matilde e de Paulo eram os que mais iam para lá. Ainda que o pai não fosse, Regina também era uma das mais presentes, e era comum que os primos ficassem sob responsabilidades dos tios. A avó Dinorá era uma das mais enérgicas quando se tratava de veranejar, especialmente nos meses mais quentes, apesar de não entrar na água, não usar roupa de banho, “não gostar que as noras se exibissem na praia”, e passar a maior parte do tempo cozinhando e/ou na cadeira de balanço fazendo algum trabalho manual. Fora de temporada, ninguém permanecia no local, mas era possível emprestar a casa para amigos da família.

Uma “não-prática” que se destacou no veraneio fluvial é a de não levar vários apetrechos e equipamentos para a praia. Devido à existência de muitas árvores na orla, o uso de guarda-sol, tendas e gazebos se fazia desnecessário. Em todas as entrevistas, a ida à praia surge como algo espontâneo, descompromissado, que não exigia grande organização ou preparativos. Circuitar entre jardim, praça, praia, campo de futebol e calçada era mais comum do que armar um acampamento na areia. Entre boias e bicicletas, a mudança de atividade era rápida e não envolvia longas distâncias. Esse hábito, no entanto, era característico dos veranistas que possuíam acomodações próximos ao lago; os que passavam o dia na praia, indo pela manhã e voltando pelo final da tarde, de ônibus, viam-se obrigados a estabelecer um local de pouso na praia, trocar de roupas nas pequenas tendas que eram dispostas à beira-mar e a levar comida pronta em caixas térmicas, se não quisessem gastar em restaurantes e lancherias no local.

Em relação à alimentação, na família também era costumeiro que se cozinhasse no local e que essa tarefa fosse das mulheres. Às vezes, junto com a mãe ou as tias de Cláudio viajavam também para Belém Novo as mulheres que exerciam o trabalho doméstico em suas respectivas casas oficiais. Elas passavam o dia trabalhando, mas não dormiam por lá: voltavam no mesmo dia para suas casas, de ônibus. Além das trabalhadoras, outro frequentador esporádico era o caseiro, que realizava o serviço de manutenção da casa - como cortar a grama e fazer pequenos reparos -, chamado Idalino.

Dos primos de idades próximas que frequentaram a casa - Cláudio, Eduardo, Regina, Simone e Denise -, Cláudio exprime que é com Eduardo que ainda mantém algum contato mais estreito:

Laura: Vocês [Cláudio e os primos Eduardo, Regina, Simone e Denise) têm as idades mais próximas?

Cláudio: Sim, nós temos a idade mais próxima, nós somos muito parecidos, inclusive fisicamente... E inclusive em relação a caráter e em relação a família... Eu e o Eduardo, nós somos os primos mais... mais parecidos, assim, né?

Laura: Discorra sobre isso... Que que tu quer dizer quando diz que vocês são parecidos em relação a família?

Cláudio: É... eu e o Eduardo, além de sermos parecidos fisicamente, nós estudamos, nós cuidamos de pai e mãe, é... como eu posso dizer, nós fizemos faculdade juntos, ou melhor, ele fez a dele e eu fiz a minha... O Eduardo, ele é um homem que casou, mantém um casamento estável, tem dois filhos, ele segue assim um perfil mais tradicional, eu acho. E de alguma maneira eu gosto dele, eu gosto dele assim por ser isso. Ele é uma pessoa boa. É um cara que eu gosto.

(MAZZILLI, Cláudio. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 13 ago. 2021)

Após o falecimento de Dinorá e dos tios, o núcleo familiar parece ter se espriado. Mesmo a relação com seu irmão, Roberto, não é tão íntima. Quem se manteve presente foram as esposas dos tios Péricles e Artur, e um ou outro primo. Voltando a década de 1970, porém, a impressão é de uma casa com relações próximas de afeto e cuidado, transmitidos pelo compartilhamentos das refeições, do cuidado das crianças, do falar alto (típico estereótipo da família ítalo-brasileira), pela liberdade em usar roupa de banho em casa, e até mesmo pelos desentendimentos que, no fim, era resolvidos pela união familiar. Em contraste com a família de Dupuy e Delci, demonstrações de carinho físicas eram mais comuns do que verbais. Até a avó, que costumava ser mais seca e incisiva, com Cláudio era mais terna.

Na época, a família era de classe média, tendendo para alta, e não era usual que as mulheres trabalhassem. As desavenças surgiam, então, a partir do jeito em que a avó lidava com estilos de vida dissidentes ou que não atendessem às suas expectativas de família tradicional. Houve, inclusive, casos de violência doméstica que, por coerção da mesma, foram abafados e não levaram ao divórcio. O autoritarismo com o modo de falar, de vestir e de agir era sentido por todos, independentemente da proximidade com ela. Cláudio sentiu esse controle quando, de um lado, seus pais restringiam sua alimentação, e, de outro, a avó “gostava de empanturrar comida”. Talvez para os primos, que eram crianças e adolescentes no período, esse comportamento da avó não fosse algo grave - diferente do que deve ter sido para a mãe, tias e netas, que viviam sob o jugo de uma presença bastante imperativa.

Assim, questiono se a *liberdade* que seria ocasionada pelo ambiente de descanso e familiar, não tenderia a se tornar um espaço de coibição, ainda mais quando Cláudio sugere que as pessoas “suportavam” a avó, e não necessariamente gostavam dela. Essas relações tensas entre as mulheres colocam em questão uma suposta solidariedade entre elas, que, poderíamos imaginar, que viria da divisão sexual do trabalho. Pelo contrário, quando a avó assume o papel de quem dá ordens na casa, se coloca numa posição hierárquica na família que extrapola opressões de gênero; essa posição estaria, então, em uma relação de micropoderes na família, exercidas pela docilização dos corpos femininos, a partir de um corpo também feminino. Se sua disciplinarização fora feita em bases patriarcais, Dinorá daria continuidade a

esse condicionamento de forma difusa, através de seus discursos cujos alvos eram, de maneira mais sistemáticas, as esposas e companheiras de seus filhos. As noras e netas, no entanto, não pareciam responder no mesmo tom, talvez para não ofender ou criar conflitos maiores. Daí essas “relações espinhosas”, que citei anteriormente, serem unilaterais: a aspereza partia de Dinorá, mas não voltava para ela.

Dar o início da trajetória da família partindo dos avós, matriarcas e patriarcas, segundo Barros (1989), é falar de seu poder na família, de sua capacidade de agregação da rede de parentes ao redor de si, da transmissão de uma ordem moral. Além disso, é uma forma de organizar o conhecimento entre membros de famílias grandes, tornando possível, por exemplo, a criação de uma árvore genealógica.

Laura: Tu diria então, de certa forma, que era muito fácil, muito natural a convivência entre todo mundo dentro da casa? Ninguém tinha...

Cláudio: Acho que sim, acho que sim.

Laura: ...ninguém tinha rixa com ninguém...

Cláudio: Eu acho que nesse ponto, sim. Podiam discutir tudo, mas apesar de tudo ficavam juntos e... a família do meu pai foram as pessoas que foram amigas entre elas, em diferentes fases da vida elas se ajudaram. Inclusive financeiramente.

Laura: Uhum... Tu nunca presenciou algum tipo de briga ou discussão lá dentro?

Cláudio: Claro, presenciava tudo, mas isso não era forte o suficiente para impedir a união. Emprestavam dinheiro, aceitavam o fulano...

Laura: E a sua avó, ela era do tipo que botava lenha na fogueira ou botava panos quentes?

Cláudio: Panos quentes. Vovó...

(MAZZILLI, Cláudio. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 13 ago. 2021)

Segundo Halbwachs (1968), ao transmitir uma história familiar, se transmite uma mensagem: em relação à individualidade da memória afetiva de cada família, por um lado, e à memória da sociedade mais ampla, de outro, frisando a importância e a preservação dos valores da instituição família. A família é, simultaneamente, o objeto da memória e o espaço em que a memória pode ser reavivada. O grupo familiar se constitui como referência essencial para a reconstrução do passado, e os avós são figuras fundamentais para a compreensão da representação da família. Neste caso, Dinorá era responsável pela conservação dos valores familiares, ao mesmo tempo em que se vê confrontada com transformações sociais, principalmente no comportamento dos netos.

Na próxima seção, apresento a família de César, cujas atividades revelam certas indissociações temporais entre a cidade e a praia, e, por conseguinte, algumas semelhanças com as relações familiares examinadas anteriormente.

2.3 “Quem chega na hora que quer, come o que tiver”

Em diálogo com a fórmula binária do público/privado, elaborada por Da Matta, Magnani (2002) aponta para um terceiro domínio intermediário entre a casa e a rua: o pedaço. Enquanto a casa é o lugar da família e a rua é dos estranhos, o pedaço é dos colegas, dos chegados, dos amigos. Para César, um de meus interlocutores que frequentou o Belém Novo na década de 1950, a família e os amigos feitos no balneário eram igualmente importantes. Esses vínculos de amizade eram firmados principalmente no *pedaço* do bairro em que estavam inscritos os equipamentos de lazer, como o campo de futebol na orla, a Sociedade de Amigos do Belém Novo (SABEN), o Colégio Evarista Flores da Cunha - que funcionava como colônia de férias para os alunos no verão -, e a praça em frente à Paróquia Nossa Senhora de Belém. Os professores do colégio organizavam campeonatos locais de futebol entre o time da SABEN, de veranistas, o time dos moradores e o time da colônia de férias. Quando se organizavam as seleções, César jogava pelo time dos moradores, uma vez que, segundo ele, sua relação era melhor com eles do que com os veranistas. Em sua entrevista, ficou muito nítida a intensa circulação das crianças e jovens entre esses lugares, por vezes acompanhados pelos pais e outros adultos, que também participavam da organização dos campeonatos e de outras recreações na praia.

César é o filho mais velho de Gaspar e Araci, e tem uma irmã cinco anos mais nova, Conceição. Seus pais são primos: seu avô materno era pai de sua mãe e primo-irmão de seu pai. Seu bisavô paterno era líder maragato na cidade de Piratini, e fora assassinado por opositores políticos. Sua bisavó, então viúva, foi obrigada a mudar-se com urgência para o Uruguai, onde a família permaneceu até os dez anos de sua mãe, que nascera uruguaia. Dessa grande parentela de primos-irmãos, não havia dissociação entre família materna ou paterna; basicamente, todos faziam parte da mesma linhagem.

A rotina de deslocamento era simples: sexta-feira à noite a família esperava Gaspar chegar do trabalho, jantavam, e iam para fila do ônibus, voltando na segunda de manhã. Os avós esporadicamente apareciam aos finais de semana; era mais comum que quatro primos-irmãos, que eram internos do extinto colégio Cruzeiro do Sul, no Teresópolis, fossem para Belém Novo junto com a família de César. Além disso, um irmão de Gaspar, casado e com duas filhas, também tinha uma casa de veraneio em Ipanema, ocasionando visitas entre as casas das famílias durante o dia, sem pernoite.

Nos finais de semana no balneário, Araci cozinhava feijão e arroz, comprava carne no açougue e recebia o leiteiro na porta de casa. No terreno da casa também havia um galinheiro,

que ficava cheio somente nos meses em que a família permanecia constantemente no local, como dezembro e janeiro. A janela de fundos do quarto das crianças dava para as galinhas, que faziam barulho quando César tentava escapular pela janela:

Laura: E essa janela do fundo dava pra onde? Árvores?

César: Não, pro galinheiro.

Laura: Bom, acordar e dormir com as galinhas.

César: E o pior é que quando eu fugia - eu fugi mais de uma vez -, elas faziam barulho. Abria a janela, deixava a minha irmã dormir e puf...

[...]

Laura: E por que você fugia?

C: Jogar bola. Ir no cinema. Quer ver, eu me lembro em dezembro... era um filme muito bom, estava em um dos cinemas... Naquele tempo um dos cartazes eram uma espécie de um painel num tripé e eles colavam um papel "Hoje: Ben Hur, Kirk Douglas", era tudo pintado. E no meio do filme... Era um banguê-banguê¹³, isso eu me lembro - matiné sempre dava banguê-banguê -, e no meio do filme deu um curto-circuito e faltou luz, puf. E saiu umas labaredas! E eu.. Todo mundo correndo, me cai um balde de tinta no peito... Na camisa que eu tinha ganho de Natal...

(GOMES DE FREITAS, Luís César. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 17 ago. 2021)

Além de ir à praia, momento em que os quatro membros da família aproveitavam para remar o pequeno barco do pai, havia campos de futebol na beira da praia, rodeados por eucaliptos. Para jogar, César também dava seu jeitinho:

César: Para ti ter uma base, eu, com 10, 11 anos, pesava 26, 27kg, era magro. Demais. E o meu pai estipulava, se eu pesava 27, tinha que pesar 28, 29kg para poder jogar. Aí o meu técnico, do time dos moradores... Eu ganhei uma calça de brim-coringa, estava surgindo o brim-coringa lá em 1955, 1954. Ele me arrumou um montinho de areia úmida, e eu botava em tudo quanto é buraco [da calça de brim] e dava quase ali [os 30kg], aí tá... "Dá, dá pra jogar". Então me liberava pra jogar, foram saber muito tempo depois... Tem que dar risada, eles não entendiam porque eu tava sempre de calção e bermuda e calça curta, enfim, e quando ia me pesar tinha que botar o brim-coringa. Nem a minha irmã sabia, se soubesse ia me dedurar, óbvio.

(GOMES DE FREITAS, Luís César. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 17 ago. 2021)

A despeito dessas brincadeiras e pequenos calotes, César relata que uma das poucas diferenças entre a casa oficial e a segunda casa era o Guaraná da Brahma, mais liberado na praia. Apesar de se ver dispensado das tarefas escolares e livre para se divertir, o pai não amolecia com a regimentação:

Laura: E vocês faziam refeições juntos?

César: Sempre. Eu que me atrasava e comia comida fria. O pai não deixava a minha mãe aquecer. Ele dizia "quem chega na hora que quer, come o que tiver".

(GOMES DE FREITAS, Luís César. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 17 ago. 2021)

¹³ Provavelmente César se refere ao filme "Sem lei e sem alma" (1957), estrelando Burt Lancaster, Kirk Douglas, Rhonda Fleming e Jo Van Fleet.

César atribui um pouco da sequeidão do pai a uma imperícia médica que o deixou mudo. Quando voltou a falar, Gaspar tinha uma voz gutural, o que acabou inibindo sua fala. Sua mãe, por outro lado, era acessível e carinhosa, fato que podemos atribuir à sua criação tradicional. Araci aprendera a costurar, bordar e cozinhar; tinha noções de francês, inglês, português, evidentemente, e espanhol, já que nascera no Uruguai. Seu pai, no entanto, não permitira que desse continuidade aos seus estudos. César diz que, neste sentido, sua mãe fora uma mulher muito frustrada. Quando ele me disse que a ideia do primeiro chalé fora de seu pai, me questionei se, talvez, Araci também não gostasse de ir a Belém Novo. Perguntei a César se depois de mais velha sua mãe não tinha voltado a estudar, e ele sugeriu que, além de já estar casada e ter filhos, decerto seu pai também não permitiria.

Araci dependia economicamente de Gaspar, assunto que, pela lembrança de César, não era um problema. A mesa sempre foi farta e a família nunca passou necessidade. Fato é que seu pai concedia certa quantia de dinheiro para Araci e ela administrava o dinheiro para a alimentação, bem como fazia a gestão da organização da casa. Neste âmbito, os homens não se envolviam e nem se envolvem: na presença da esposa, durante a entrevista, César diz que a dinâmica é a mesma até hoje. Daí não me surpreende que todos os interlocutores tenham dito que a casa de veraneio era como uma extensão da casa oficial; independentemente das atividades de lazer “substituírem” as atividades de rotina, como trabalhar e estudar, a divisão de tarefas, a pontualidade dos horários, a alimentação e as “regras de etiqueta” subsistiam igualmente ao funcionamento das mesmas na cidade. Até mesmo a vestimenta do pai na praia era indistinguível da “roupa de ficar em casa” da cidade: bombacha e chinelo campeiro. Calção e bermuda só na beira d’água.

O que me parece claro, nesta situação, é que apesar do deslocamento físico, paisagístico, que supostamente implicaria num outro ritmo temporal, não há uma subversão das rígidas estruturas que coordenavam a vida urbana. Na verdade, o que proponho é que a conservação dos hábitos de divisão sexual do trabalho atinge de modo mais significativo as mulheres, que, tendo como ambiente de trabalho a *casa oficial*, não conseguiam apartar o tempo de trabalho do tempo de lazer. Evidente dizer que, nesta pesquisa, estou falando de mães, esposas e donas de casa do início e metade do século XX; de lá pra cá, a feminização do trabalho formal torna quase prescritivo que mulheres vivam uma tripla jornada - entre o ambiente profissional, doméstico e familiar -, mas há de se destacar que esse processo é muito recente. De todas as personagens femininas que surgiram no meu campo, somente Delci trabalhava fora de casa entre os anos 1960 e 1970.

Similarmente, as memórias de infância de César coadunam mais para atividades realizadas com pai do que com a mãe e a irmã. Não quero essencializar as experiências masculinas, mas vejo que é necessário apontar para o que era considerado típico deste gênero, localizando-os temporal e espacialmente, ou seja, como masculinidades tecidas na capital gaúcha nos anos 1950. Ouvir a Rádio Farroupilha, em especial o programa O Grande Rodeio Coringa, dedicado a músicas gaudérias que tinha aos domingos, por exemplo, era uma atividade que remetia ao pai, assim como jogar xadrez. Quando chegava atrasado por estar jogando futebol, a bronca vinha do pai. Inclusive, a depender da pisada de bola, as consequências eram até financeiras:

César: Não, eles não tinham hábito de fazer gracinha, nenhum dos dois. O pai principalmente. Olhava dum jeito já sabia que... pode parar que tem bronca depois. Quer dizer, eu ganhava mesada, né. Eu e a Conceição ganhávamos mesada [...] Porém, obviamente, se pisasse na bola tinha multas. Então conforme a pisada era uma semana, duas semanas [sem ganhar mesada]...
(GOMES DE FREITAS, Luís César. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 17 ago. 2021)

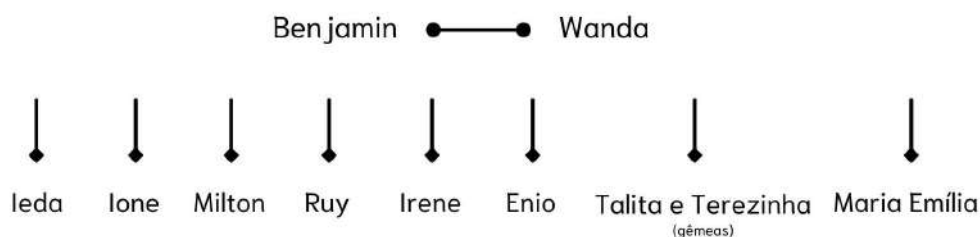
Com os meninos que moravam no Belém Novo, César jogava futebol - e ênfase em jogar, hábito que o fizera reprovar algumas vezes no colégio -, andava (de carona) de bicicleta ao redor dos morros, comparecia às matinês, assistia banguê-banguê nos cinemas de rua e via o movimento da praia aos domingos. Estas atividades não eram tão diferentes das realizadas pelas meninas de sua idade, que, por vezes, acompanhavam irmãos e amigos nesses passeios, assunto explorado no tópico 2.4.

Na próxima seção, demonstro algumas manifestações dos marcadores de gênero na casa e no lazer feminino a partir das experiências de Maria Emília, que tivera uma casa de praia em Ipanema.

2.4 “Eu tive uma infância maravilhosa!”

Caçula de nove irmãos, Maria Emília foi veranista em Ipanema entre as décadas de 1950 e 1960 (figura 13). Seus pais, Benjamin e Wanda, tinham um sítio rodeado de ciprestes, cinamomos, figueiras e árvores frutíferas, além de um jardim cheio de rosas. A casa era um chalé de madeira, com um avarandado ao redor, e um puxadinho nos fundos, que acobertava uma comprida mesa de madeira onde família e amigos se reuniam nos domingos de churrasco.

Figura 13 - Genealogia da família nuclear de Maria Emília. Ione, a segunda filha, faleceu quando bebê.



Fonte: Elaboração minha.

Benjamin era sobrinho-neto de Juca Batista, de quem foi sócio por alguns anos. Nascido no final do século XIX, fazia questão que todos comessem juntos. Assim como o pai de César, dizia que “para comer só se chama uma vez”. Disciplinado e disciplinador, rígido na criação dos filhos, quando se tratava do remorso após algum castigo físico, recorria à sensibilidade da esposa, Wanda, a quem perguntava se esta poderia conversar com quem recebeu o castigo para saber se havia se machucado. Apesar disso, Maria Emília pinta o pai como um homem moderno, de cabeça arejada, que incentivou o estudo das filhas mulheres - inclusive da mais velha, nascida em 1918.

Wanda, em consonância com a criação dada no contexto de seu nascimento, era uma mãe e dona de casa exemplar. Por outro lado, Maria Emília diz nunca ter ouvido seus pais brigarem, porque a mãe, segundo ela, era tão submissa que, quando o pai dizia “acabou, morreu o assunto”, ela não insistia na argumentação. Em se tratando da criação dos filhos, embora preferisse dizer “pede pro teu pai”, adotava uma postura austera com o namoro das filhas:

Maria Emília: Eu era muito criança, e eu me lembro que a minha mãe era cheia de não-me-toques, e, naquela época, [com as] minhas irmãs os namoros eram assim: quarta, sábado e domingo, e tinha que namorar na porta. Com as minhas irmãs era um rigor medonho. E eu lembro que eu era mais jovem e eu tinha que acompanhar - ai, eu odiava! - eu tinha que acompanhar minhas irmãs pra tudo que é lugar. E nas fotos aparece sempre eu, criança, do lado. E elas deviam odiar também! E a minha mãe, por exemplo, quando chegava na fase de eles entrarem já em casa, minha mãe ficava na sala. Eles na sala, ela lendo jornal...

(GARCIA DE VASCONCELLOS, Maria Emília Rolim. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 20 ago. 2021)

Como Maria Emília foi, como convencionamos chamar, a “raspa do tacho” dos filhos, havia uma grande diferença de idade entre ela e os irmãos. Seu primeiro namoro não chegou a ser atingido por essas “companhias compulsórias”, mas ela relata que só teve privacidade de fato agora, aos 78 anos, na viuvez. Como eram muitos irmãos, os quartos eram compartilhados, bem como as rotinas, os espaços privados e os objetos da casa.

Levando em consideração os discursos que apontam para a segunda-casa como uma extensão da casa oficial e, por conseguinte, um ambiente de intimidade familiar, é possível notar que apesar de considerado como um ambiente *privado*, não era fácil desenvolver sua própria privacidade e seus processos de subjetivação nas casas de veraneio - mesmo sendo um local retirado, isolado, o que supostamente facilitaria esses processos. Ainda que a casa esteja protegida da intrusão dos negócios e do trabalho, a circulação de pessoas era tão intensa que não se podia considerar um local privilegiado para o cultivo da sua intimidade. Thibes (2017) afirma que o conforto doméstico, que ganha força no decorrer do século XVIII principalmente entre os ingleses, foi uma das principais mudanças que a ascensão da burguesia trouxe às dinâmicas familiares. Conforto, para os burgueses, significava aliviar o cansaço do trabalho, em contraposição a ideia de extravagância e luxo da aristocracia ociosa. Para que a casa fosse confortável, era preciso que estivesse fisicamente distanciada do mundo público, ou seja, que houvesse privacidade. É a partir dos quartos, por exemplo, que uma vida íntima passa a se materializar: com a criação de espaços para “vivenciar a solidão” (Thibes, 2017, p. 327), o uso de objetos como diários, álbuns de fotografia e espelhos passam a atuar como suportes para o fortalecimento da identidade individual. É interessante notar nos discursos de meus interlocutores, que as casas de veraneio não tinham muitos espaços privados, de uso individual, nem objetos de decoração, como bibelôs, vasos, esculturas, tapetes, cortinas, espelhos, etc, o que acabava sinalando os cômodos da casa como lugares neutros e impessoais, não fosse pela existência de porta-retratos da família. Os quartos compartilhados não tinham muito além de móveis funcionais: camas sem cabeceira e um guarda-roupa. Um banheiro era dividido entre dez membros da família.

A sobriedade - ou a falta de adornos - da casa remete a um ambiente masculino, como descrito por Vânia Carvalho em *Gênero e artefato: Sistema Doméstico na Perspectiva da Cultura Material – São Paulo, 1870-1920* (2008). A partir da análise de manuais de economia doméstica, em especial o *Lar Doméstico: Conselhos Práticos sobre a Boa Direção de uma Casa*, de Vera Cleser, Carvalho expõe as diferenças funcionais e decorativas em torno dos espaços de uma residência burguesa de porte mediano, tendo como foco a sala de jantar e a sala de visitas. Semelhantemente ao escritório, ambiente tipicamente masculino, a sala de jantar deveria ser simples, com móveis de madeira escura, sem ornamentação ou exageros de cores, transmitindo ideais de robustez, fixidez e perenidade, por vezes destacada na existência de cristaleiras, abajures, porcelanas e livros herdados da família. Ao homem, como provedor da família, é concedida a responsabilidade pelo alimento - apesar de não ser quem o processa e apresenta à mesa -, e, por isso, a sala de jantar é simbolicamente um dos ambientes mais

patriarcais da casa. Diametralmente oposta, a sala de visitas deveria exaltar atributos femininos através da variedade de móveis e objetos decorativos, distribuídos de forma pouco rígida, sendo o lugar da *performance* feminina e de mostra de suas habilidades artísticas com quadros, rendas, bordados, pinturas, e capital cultural.

Ora, o que isso tem a ver com a casa de veraneio em especial? Como havia mencionado anteriormente, as segundas-casas de meus interlocutores não os pertencem mais. Isso não significa, porém, que não existam casas remanescentes. É o caso de uma delas que tomei conhecimento por Camila, uma amiga de Luiza - neta de Delci e Dupuy -, cujos bisavós construíram um sobrado na praia de Ponta Grossa, e que ainda está de pé - e sendo usado pela família (figuras 14 e 15). Aliando o que meus interlocutores haviam contado sobre a disposição dos móveis da casa e as fotografias que Camila me enviou de sua casa no balneário, o ambiente que se revela é de funcionalidade em detrimento de adorno. Ainda que porta-retratos estejam nas paredes e algumas porcelanas expostas, o que prepondera é o que tem utilidade prática. Por isso, a tendência é pensar que esses espaços não decorados, rústicos, de madeira, sem pinturas, sejam “casas masculinas”, voltadas ao lazer dos homens, uma vez que a marcação da cultura material tradicionalmente “feminina”, como de paninhos de crochê, quadros de flores e bibelôs, não estão presentes. Isso corrobora com minha proposta de indissociação do tempo de trabalho e tempo de lazer das mulheres, que, além de continuarem efetuando suas tarefas diárias, têm pouca ou quase nenhuma possibilidade de marcarem a casa com suas identidades. Pode ser uma escolha abster-se de decorar os espaços - visto que, quanto mais objetos, mais limpeza e cuidado a casa demanda -, mas também pode ser fruto de uma divisão sexual do lazer que privilegia o descanso dos homens em desfavor das mulheres, a subjetividade masculina em detrimento da feminina, e assim por diante.

Figuras 14 e 15 - Um dos dormitórios e a sala de estar da casa de Camila.



Fonte: Camila Krzisch, 2021.

Maria Emília, ao contrário do que se espera do comportamento das meninas, não parava sentada. Subia em todas as árvores, andava de bicicleta nas ruas de areião, circulava para cima e para baixo com muita liberdade, tomava banho de rio, jogava bola, brincava com as vizinhas e de vez em quando ia ao tradicional Galeto Taba, no balneário de Ipanema. Quando perguntada sobre as lembranças que tinha do período, diz saudosa:

Maria Emília: Uma vez eu sofri um acidente numa arandela. Eu era muito arteira, que eu digo que meu pai me chamava de cabrita, que eu vivia em cima das árvores, vivia em cima dos cinamomos, eu vivia em cima das figueiras... Ai, eu tive uma infância maravilhosa! Mas eu vivia me acidentando. Então uma vez eu caí por cima de uma arandela dessas, tinha aqueles pauzinhos assim, né, pra fincar a roseira, e aquilo enterrou na minha perna. Aí, outra vez, [havia] esse terreno do lado que era do meu irmão. A divisão era de arame farpado. A gente tava jogando alguma coisa e a bola caiu do outro lado. Eu fui passar pro outro lado e puxei a outra perna e rasguei aqui assim (mostrando a perna). Bom, aquela foi feia. Abriu em forma de L, assim, na época em Ipanema não tinha nada, minha mãe pegou um punhado de sal e botou pra dentro. Bom, eu me lembro que eu gritava - é a lembrança que eu tenho (rs). [...] Ah, é uma emoção muito ligada a saudades, né? Saudades do tempo daquela pureza das coisas, da liberdade que se tinha, e, por exemplo, o que não se tem hoje: segurança. Na época tinha segurança, a gente ia e vinha, as crianças podiam brincar na rua, por exemplo, porque se quisessem não tinha perigo... A gente não vivia assustada de preocupação, né. É uma nostalgia, uma coisa bem... Uma saudade grande do tempo que meus pais eram vivos, dos meus irmãos todos... Acho que é isso aí, a saudade é o principal.
(GARCIA DE VASCONCELLOS, Maria Emília Rolim. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 20 ago. 2021)

Maria Emília traz um ambiente doméstico alegre, sempre cheio, onde reinava a macarronada no domingo e a liberdade, a soltura, o contato com a natureza no sítio, com a água do lago, com a despreziosidade e a espontaneidade. Apesar das regras com horários, podia-se circular pelas ruas junto com suas amigas (figuras 16, 17 e 18) com a tranquilidade de quem conhecia todos que veraneavam ou moravam na região - e isso se deve ao seu pai Benjamin, fundador da Sociedade de Amigos do Balneário Ipanema (SABI), assunto do terceiro capítulo.

Figura 16 - Maria Emília, à direita, e uma amiga na Rua Ladislau Neto, andando de bicicleta próximo a sua casa, em Ipanema.



Fonte: Acervo pessoal de Maria Emília Rolim.

Figura 17 - Maria Emília, a segunda da esquerda para a direita, com suas irmãs e uma amiga (a criança loira, de branco, à esquerda) no balneário Ipanema. Provavelmente 1950.



Fonte: Acervo pessoal de Maria Emília Rolim.

Figura 18 - Maria Emilia, à esquerda, com a mesma amiga da figura 16, de branco, e seus irmãos mais velhos no balneário Ipanema.



Fonte: Acervo pessoal de Maria Emília Rolim.

No capítulo 3, discuto a formação das casas como produtoras - ou retentoras - de formas de estar-no-mundo e de sociabilidades, tendo em vista as redes afetivas formadas entre a casa e a rua, enfatizando, também, a presença das Sociedades de Amigos do Bairro como equipamentos importantes para se fazer amigos e preservar as afetividades nos balneários.

3. A CASA, A RUA E AS SOCIEDADES DE AMIGOS DO BAIRRO

3.1 Casas e performatividades

Russi & Brum (2019) afirmam que a casa não é um tema inexplorado nos estudos antropológicos; pelo contrário, tem sido examinado sob diferentes perspectivas, e apresenta uma possibilidade interessante de análise ao abordar o espaço doméstico como uma forma de expressão do *ethos* de uma sociedade em contextos socioculturais distintos. Há uma ampla variedade de interpretações sobre a casa e a domesticidade, que perpassam o parentesco (Claude Lévi-Strauss, 1986; Janet Carsten, 2000), memória (Joelle Bahloul, 1986; Pamela Salen, 2017), estruturas sociais (Marcel Mauss, 1968; Norbert Elias, 2001; Pierre Bourdieu, 2002), cultura material (Vânia Carvalho, 2008), moralidade (Luiz Fernando Duarte e Edlaine Campos, 2008), biografias (Camila Rosatti, 2018), entre outros.

Pesquisadoras feministas também têm se debruçado sobre as dimensões público/privado e espaços domésticos, como Michelle Perrot (2011), Mary Del Priore (2011) e Simoni Andriani dos Santos (2014), e enfatizam, numa perspectiva foucaultiana, que ao escrever uma história dos espaços, escreve-se uma história dos poderes. As diferenças de gênero, raça, classe e idade materializam-se nas relações com o espaço, os móveis, os objetos pessoais (Prado, 2013), e são, também, inspiradas por esses cômodos e utensílios.

Pontes e Cesar (2019), em análise dos apartamentos onde viveram Caetano Veloso e Nara Leão durante a emergência da bossa nova e do tropicalismo, compreendem as casas como artefatos que implicam na “produção e na internalização de princípios hierárquicos, dispositivos classificatórios e mecanismos de subjetivação, atizados e enredados pelos marcadores sociais de gênero, classe, raça e geração” (Pontes & Cesar, 2019, p. 671). Nestes espaços, seus donos e usuários expressam suas visões e maneiras de estar-no-mundo, extrapolando os limites do doméstico como uma esfera avessa ao público, mas maleáveis e polissêmicos, onde materializam-se diferentes subjetividades e relações sociais.

Ainda para estes autores, o apartamento moderno de Nara Leão, por exemplo, se inseria num contexto de verticalização da Zona Sul do Rio de Janeiro, em contraste com os cortiços e casarões do centro da cidade. Esse novo modo de morar, propiciado por revoluções arquitetônicas, transformou o ambiente doméstico num local privilegiado de propagação do estilo de vida das camadas médias da cidade, sobretudo em formas de signos de distinção social. Desta forma, produzia “novas performatividades de classe, raça e gênero ao redefinir

os limites entre interioridade e exterioridade, branquitude e negritude, masculinidade e feminilidade” (Pontes & Cesar, 2019 p. 674).

Pensar na casa como uma máquina performativa de gênero, classe, raça e geração, no caso desta pesquisa, pode nos levar a compreender como famílias brancas da classe média porto-alegrense usavam seus finais de semana e férias - não necessariamente entendidos como “tempo livre” -, quais eram as *performances*¹⁴ esperadas de cada membro delas neste tempo e espaço, tendo como foco principal as performances de feminilidade em meados do século XX, e como aconteciam as sociabilidades desta classe nos balneários que um dia foram privilégios de uma elite de moldes aristocráticos.

As casas e suas formatações não são, no entanto, escolhidas aleatoriamente, e nem exercem poder inquestionável sobre seus usuários. Rosatti (2019), em consonância com as autoras supracitadas, articula as formas de morar aos estilos de vida a partir do *habitus*, salientando os capitais dos indivíduos como aspectos importantes para pensar o habitar. Assim,

“[...] considerando as relações entre os indivíduos e os espaços que habitam, é instigante a associação que faz Mary Douglas entre a ideia de morar e a materialidade da moradia, destacando que os agenciamentos, divisões e orientações físico-espaciais ‘dependem das ideias que as pessoas carregam dentro de suas cabeças sobre sua vida no espaço e no tempo. Pois o lar é a realização de ideias.’” (ibid, p. 20).

As casas de veraneio foram construídas para suprir uma necessidade - a de fazer uma pausa do tempo de trabalho formal, não necessariamente do tempo de trabalho doméstico -, partindo da idealização de uma camada média da sociedade do que seria descanso, próximo às águas e à natureza. Ao realizar materialmente essa ideia, porém, é necessário notar que um tipo específico de descanso, ligado à sociabilização, ganha destaque. O descanso dessas famílias poderia significar isolamento, ausência de atividades, ociosidade; mas, toma a forma

¹⁴ Compreendo performance como o conceito enunciado por Judith Butler em Problemas de Gênero: feminismo e subversão de identidade (1990). Além de produzir corpos, gêneros e desejos, a matriz heterossexual e heteronormativa também resulta num modo de inteligibilidade e de viabilidade do “eu” e dos “outros”. Para tal, os enunciados médicos, religiosos, pedagógicos e jurídicos são imprescindíveis: os discursos originam sujeitos generificados. Ao declararmos nossa identidade sexual e generificada, constituída cultural e discursivamente, *performamos* uma série de códigos socialmente aceitos e internalizados, fruto de um processo de internalização e socialização da heteronormatividade. Esses códigos se materializam, se encarnam: adotamos condutas e expectativas “apropriadas” para nosso gênero, designado a partir de nosso corpo, e nos tornamos, então, “pessoas viáveis”. A eficácia do gênero - e até mesmo sua subversão -, porém, tem na sua repetição sua condição obrigatória de possibilidade. Essa repetição encontra nas expressões estéticas e materiais que diferenciam o feminino do masculino um de seus alicerces mais robustos. A genealogia política e crítica das ontologias de gênero de Butler nos fornece pistas de como os objetos e espaços físicos, como suportes discursivos, atuam na manutenção e propagação de práticas regulatórias hegemônicas. Daí podemos refletir sobre peças e projetos arquitetônicos de toda a sorte, tendo o design e arquitetura como um meio para disseminação de ideais de masculinidade e feminilidade.

contrária, contando com o trabalho doméstico feminino de cuidado da casa, de preparo das refeições e de administração de pessoal para sua efetividade.

Examinando melhor: com exceção de Delci, que trabalhava fora de casa, as mães de todos os meus interlocutores eram donas de casa. Os pais, que trabalhavam formalmente, não eram operários, mas profissionais liberais e servidores públicos: o pai de Cláudio, Paulo, era auditor fiscal da Secretaria da Fazenda; o de César, Gaspar, era engenheiro agrônomo e pesquisador; o de Maria Emília, Benjamin, comerciante e caixeiro-viajante; Dupuy, por sua vez, era representante comercial farmacêutico. Para estes trabalhadores e esta classe¹⁵, cujo trabalho intelectual era imprescindível, ir para os balneários representava uma ruptura com a formalidade, a fixidez dos horários e a responsabilidade pelo provimento de suas famílias. Para suas companheiras, talvez houvesse alguma ruptura: com o ambiente da casa oficial, com as obrigações que o morar na cidade impunha (como levar as crianças para a escola, fazer mercado, lidar com prestadores de serviço), com as redes de sociabilidade nem sempre bem-quistas, como a família e os vizinhos - enfim, algo como o que vivenciamos durante o período de isolamento social dos anos de 2020 e 2021, graças à pandemia de Covid-19 -, mas mantidas certas obrigações como donas de casa.

Deste modo, após a “democratização” do acesso aos balneários, a casa de veraneio tornou-se a materialização de uma forma de estar-no-mundo e de socializar das classes médias de Porto Alegre. A despeito dos custos de manter duas residências na mesma cidade, essas casas não eram luxuosas, mas simples, funcionais, voltadas para receber pessoas e para que se passasse mais tempo fora do que dentro dela - sobrepujando a ideia da casa como local de intimidade e privacidade. A ampliação de espaços coletivos, como quartos compartilhados e grandes áreas para fazer refeições, era paralela a manutenção dos espaços de trabalho doméstico, como a cozinha e a lavanderia, que mantinham o mesmo padrão da casa oficial, em termos de extensão e equipamentos. Isto é, justapunha-se os espaços coletivos aos íntimos, incrementando, ainda, as áreas *de serviço*, que não raro eram muito próximas ou integradas aos espaços coletivos. Essa fluidez é interessante porque se afasta dos padrões de conforto da casa da família burguesa, que delimita a individualidade de cada membro pelos cômodos não compartilhados, sem sobreposição de usos, e mostra uma certa descontinuidade entre as regras rígidas das famílias mencionadas e a liberdade que a casa propagaria. Essa “vida

¹⁵ Para classes mais populares, no entanto, a falta de um lugar de pouso nos balneários se tornava custosa; as longas filas de ônibus, a superlotação das praias e a necessidade de ir e voltar no mesmo dia, suponho, talvez não representassem uma forma de descanso, mas uma atividade diferente do cotidiano repetitivo do segundo e terceiro setor, que impedia o lazer durante os dias úteis.

comunitária” nas casas de veraneio, porém, não parece ter causado nenhum desconforto nos seus usuários *para além do trabalho doméstico dobrado*, em vista da multiplicação de seus frequentadores e das atividades nelas realizadas.

Em pesquisa sobre as casas diáspora no Haiti, Handerson (2015) afirma que estas se tornam importantes para a análise das experiências de mobilidade e dinâmicas familiares, uma vez que “não há casa diáspora sem a mobilidade das pessoas tanto quanto não há mobilidade sem nenhuma casa” (ibid, p. 338). Para compreender esses deslocamentos, o autor não se restringe às estruturas físicas das casas e suas economias domésticas, mas adota as relações entre as pessoas que vivem nelas ou as frequentam como o cerne de sua tese. A lógica de seus usos está ligada à dimensão familiar, uma vez que “a casa é o lugar que revela a configuração das relações familiares” (p. 330), onde se concretizam modos de vida e capitais culturais e sociais.

Ter uma casa de veraneio nos balneários fluviais da capital e região metropolitana, neste caso, se insere num contexto de urbanização e modernização acelerada da cidade e dos estilos de vida nela presentes, já em meados do século XX considerados maçantes, cansativos, não-saudáveis. Naquele período, ainda era possível fugir da cidade e recorrer a cenários bucólicos, de maior proximidade com vizinhos, amigos e paisagens, hábito que torna possível pensar nessas casas como lugares em que o deslocamento e a mobilidade urbana e local são aspectos indissociáveis de sua existência. As segundas-casas possuem como condição primordial de possibilidade a existência das *casas oficiais*, localizadas na Cidade Baixa e no bairro São João, considerados bairros de classe média no início do século XX.

A demanda pela proximidade com a natureza, seja pelas árvores nativas, seja pelo cultivo de hortas e pomares, exigia um deslocamento em direção ao outro lado da cidade (ao Sul e a Oeste), e implica numa casa e numa noção de domesticidade que excede os ambientes internos em direção aos quintais, aos jardins, às ruas vizinhas e, por vezes, à praia. Essa demanda pelo contato com ambiente externo pode significar duas coisas: ou que a casa oficial carece dessa evasão, se tratarmos a casa de veraneio como espaço de realização de desejos; ou que a casa oficial segue essa mesma lógica, de ultrapassar seus limites internos, no sentido físico, e a segunda casa é apenas a sua extensão. Em ambos os casos, e independentemente do que motiva a existência da segunda casa, prevalecem os sentimentos de que nela há mais liberdade, mais tempo, mais atividades de lazer e mais amizades.

Partindo desses três aspectos - a justaposição de espaços coletivos, individuais e de serviço; a proximidade com a natureza; e a inevitabilidade de deslocamento -, temos a

configuração da casa de veraneio da classe média porto-alegrense, produtora e produzida por performances de gênero, raça, classe e geração.

Além da importância da casa para que determinadas redes de afetividade fossem consolidadas, graças à perenidade que proporcionavam aos veraneios e aos veranistas, as Sociedades de Amigos do Bairro/Balneário também se conformaram como equipamentos importantes para o surgimento dessas redes e para o aproveitamento do lazer. Na próxima seção, trago os discursos de meus interlocutores sobre a Sociedade de Amigos do Balneário Ipanema (SABI), a Sociedade de Amigos das Praias de Florida e Elza (SAFE), e a Sociedade de Amigos do Belém Novo (SABEN), três clubes criados por veranistas com diferentes significados para, Maria Emília, Dupuy, Delci e César.

3.2 Sociedades de Amigos do Bairro/Balneário

Na arquitetura das casas de veraneio e nas paisagens emotivas que as águas remetem, podemos encontrar uma vibração: relações afetivas indissociáveis entre espaço e indivíduo (La Rocca, 2018); percepções de tempo e do estar-no-mundo que são compartilhadas coletivamente e que criam uma sinergia entre espaço e sociabilidade, que não é a mesma da casa dos grandes centros urbanos, sujeitas aos ritmos de trabalho. Este compartilhamento de sensações, valores e percepções de estar-no-mundo acontecia não só entre os membros da família, mas também com vizinhos e amigos que frequentavam os balneários.

Durante minhas entrevistas, confesso que dei pouca atenção às redes de sociabilidade exteriores ao seio familiar. Uma vez que o foco eram as relações dentro de casa, pensei que o que ocorria fora dela - na praia, nos clubes, nos times de futebol - não seria tão relevante para responder minha pergunta de pesquisa. Somente na transcrição delas é que percebi que isso foi um grande erro: assim como é impossível pensar na segunda-casa sem a casa oficial, também é impossível pensar nas relações no seu interior sem contrapor com as relações no seu exterior.

As memórias das atividades na praia eram, muitas vezes, sobrepostas pelas lembranças nos quintais, nos campos de futebol e nas Sociedades de Amigos do Bairro/Balneário (SABs). Talvez pelos rumos que as conversas tomaram, isso possa ser uma impressão minha; mas não pude deixar de notar que estes locais eram considerados relevantes naquele período, sobretudo para Dupuy e Delci, e de alguma forma menos intensa para Maria Emília e César.

As SABs remetem às primeiras organizações comunitárias, que, segundo Gonzaga de Sousa (2006), têm origem na Europa, durante a Revolução Industrial, visto que as péssimas

condições de vida somadas a movimentos revolucionários faziam borbulhar os movimentos de classe. Em Porto Alegre, as associações surgem com migrantes europeus, no início dos anos 1900, que organizavam-se, também, por nacionalidade, como é o caso das Sociedades Polônia, Germânia e Italiana, por exemplo.

Diferentemente das SABs “tradicionais”, como a Sociedade de Amigos da Cidade (SAC) fundada em São Paulo em 1930, as Sociedades de Amigos do Bairro/Balneário a que me refiro não tinham como finalidade última a reivindicação de melhorias na infraestrutura bairral. Elas eram, na verdade, organizadas por veranistas e frequentadores dos balneários em geral, e tinham o formato de clube recreativo, oferecendo piscinas, churrasqueiras e quiosques, quadras esportivas, duchas, bailes, salões de festa, bibliotecas, cursos livres, dentre outros, para seus associados.

Benjamin, pai de Maria Emília, foi um dos fundadores da Sociedade de Amigos do Balneário Ipanema, junto com Gay da Fonseca, filho de Odila Gay da Fonseca - ambos personagens importantes para o desenvolvimento da infraestrutura em Ipanema e arredores. Maria Emília pouco falou sobre o que se fazia no clube, mas a participação de seu pai na fundação da SABI ainda é reconhecida:

Maria Emília: Meu pai foi um dos fundadores da SABI...

Laura: Da Sociedade de Amigos...

Maria Emília: Da Sociedade de Amigos do Balneário Ipanema... Ele e o Gay da Fonseca, que até a mãe do Gay da Fonseca, Odila Gay da Fonseca, é o nome do colégio ali... Então parece que o Gay da Fonseca e o meu pai era um dos fundadores. Eu sei que quando eu vim morar aqui em Ipanema, antes eu morava ali na Engenheiro Coelho Parreira, como eu falei, eu achei interessante que eu tinha as crianças pequenas e disse: "Ah, vou ali procurar ver o que tem ali na SABI", porque na época que eu era criança ainda estava começando [se desenvolver]... Depois que eu perdi o contato, fui ver o que tem na SABI pra... [ver o] que interessa, assim. Aí eu cheguei lá, queria me associar, e o ecônomo quando eu resolvi dizer que meu pai se chamava Benjamin Magalhães Rolim, ele foi um dos fundadores... Ele [disse] assim: "Ah! Eu conheci o Benjamin" - era um senhor de idade - "Ah não, a senhora nem vai pagar a mensalidade, nem nada, porque a senhora é sócia benemérita, porque é filha dele, né?!"

(GARCIA DE VASCONCELLOS, Maria Emília Rolim. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 20 ago. 2021)

Seu pai, além de ser um dos responsáveis pelo surgimento da SABI, era um homem conhecido no bairro, tanto pela origem familiar - oriunda da região, como dito anteriormente, descendentes de Juca Batista -, como pelos seus serviços de caridade, seu comércio e suas propriedades que eram alugadas para moradores do bairro. Apesar da família nuclear morar na região central de Porto Alegre, havia uma sólida rede de sociabilidade em Ipanema que extravasava a consanguinidade; por isso, a casa de veraneio estava sempre cheia e aberta à visitas.

Situação semelhante acontecia com Dupuy e Delci em relação à SAFE, a Sociedade de Amigos das Praias da Florida e Elza. Dupuy reitera que a família fez amizade com todos os veranistas dos pequenos balneários de Florida e Vila Elza no período. A partir daí, surgiu a ideia de criar um clube para praticar esportes e organizar eventos para os associados. Durante a maior parte do dia, todos da família ficavam fora de casa: se na praia ficava escuro ou muito cheio, todos se direcionavam para a SAFE. Enquanto os homens jogavam futebol ou bocha, as mulheres organizavam chás beneficentes, jogavam vôlei ou baralho. Chegando próximo às 21h, certamente alguém havia organizado uma festa, um jantar dançante ou qualquer outra atividade que custasse muito pouco e reunisse o máximo de veranistas possível. O gosto pela praia e pelo clube era tão grande, que alguns homens deixavam de ir em eventos sociais da família para permanecerem em Guaíba:

Delci: Os homens eram apaixonados pra ir pra Florida. A Clarissa, filha do presidente lá da Sociedade, [por exemplo], eram 2 irmãs e 1 irmão. Moravam aqui na [Rua] Dom Pedro II, ela era funcionária federal. As filhas, debutadas no Sogipa. Eles tinham muito recurso. Na noite do debut [das filhas], o pai disse: "Ah, eu vou ficar na Florida". Não veio no baile de debut das filhas de tão apaixonados que eram. Esse aqui era outro [apontando para Dupuy].

Laura: Imperdoável!

Delci: Se não ia na Florida ficava doente. Não tinha graça nenhuma!

(DÓRIA FERREIRA, Dupuy; FERREIRA, Delcy. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 26 ago. 2021)

Apesar das reclamações sobre o trabalho doméstico extensivo, Delci parece ter gostado de organizar e promover os chás e jantares na SAFE, talvez por ser o mais próximo que se pudesse chegar de uma socialização no local, em que era possível usar roupas elegantes, se distrair com atividades em pisos de concreto e ouvir música.

DC: O pessoal dançava que dava gosto. Né, Dupuy? Como o pessoal gostava de dançar?

(DÓRIA FERREIRA, Dupuy; FERREIRA, Delcy. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 26 ago. 2021)

Para Dupuy, a SAFE foi criada tendo a sistemática de amizade que existia entre os veranistas como base. Ainda que essas amizades não fossem mantidas com tanta intensidade em Porto Alegre - até porque alguns dos veranistas eram da região metropolitana -, o que se estabeleceu foram relações de confiança e de liberdade.

Laura: Tá, tinha então esses vizinhos que iam lá no clube, mas eles iam em casa também, na casa de vocês?

Dupuy: Ah, isso sim, ia um na casa do outro. Eles tinham liberdade para entrar nas nossas casas como nós tínhamos liberdade e confiança [neles], visse?. Aquela gente, até se adaptar, eram pessoas conhecidas, eram médicos, eram engenheiros, eram militares, eram pessoas aposentadas, outras, e assim por diante. A maioria deles vivia na beira do rio como nós, então isso criou uma ligação muito boa de vida. Nós tínhamos uma idade média, mais ou menos assemelhada, então eles tinham filhos como nós tínhamos filhas, tá entendendo?, e isso criou uma situação muito positiva.

Por isso que eu te disse, a Sociedade foi formatada exatamente [assim], baseada na sistemática de amizade que existia entre os moradores. Nós não tínhamos, vamos assim dizer, sócios de Guaíba, sócios de Novo Hamburgo, sócios de... Não, não tinha. Nós tínhamos só aquilo ali. Por isso que a gente chamou SAFE: Sociedades de Amigos da Praia de Florida e Vila Elsa.

(DÓRIA FERREIRA, Dupuy; FERREIRA, Delcy. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 26 ago. 2021)

A confiança, a liberdade e a intimidade estabelecida entre os membros da Sociedade para César eram sentidas em sua dinâmica com os moradores do Belém Novo. Sua menção à Sociedade de Amigos do Belém Novo, a SABEN, foi importante para estabelecer sua forte relação com os moradores, em oposição aos veranistas. O time de futebol formado pelos sócios da SABEN, em sua maioria veranistas de outros bairros da cidade, não contava com o talento de César, que preferia jogar com os vizinhos que estavam domiciliados no bairro. Até a venda da casa em Belém Novo e a compra do apartamento em Torres, César tinha mais amigos no balneário do que na Cidade Baixa, bairro onde morava e estudava. Além da turma dele, seus pais também tinham uma vida social agitada, encontrando familiares, indo ao cinema e teatro, recebendo visitas em casa, enfim, hábitos que se mantinham em Belém Novo - ainda que não houvesse uma estreita relação entre a família e a SABEN.

Neste capítulo, procurei esboçar alguns pontos que podem se tornar interessantes desdobramentos para futuras pesquisas sobre sociabilidades nos espaços públicos e privados dos antigos balneários de Ipanema, Florida e Vila Elza, e Belém Novo, para além da área da praia. Ressalto que essa visão sobre a vida e o lazer aos finais de semana e meses quentes nessas regiões é localizada: meus interlocutores são oriundos de famílias de classe média, que moravam em regiões centrais da cidade e veraneavam nas praias mais badaladas do período, em Porto Alegre. Haveriam perspectivas distintas se essa pesquisa fosse realizada, por exemplo, com pessoas de classes populares que iam para os balneários de manhã, de ônibus, e voltavam no final da tarde, pois não tinham onde instalarem-se durante a noite. Igualmente, famílias de classes mais altas poderiam ter visões diferentes sobre as formatações e usos das casas, divisões sexuais de trabalho doméstico, áreas e atividades de lazer, frequência de ida ao balneário, enfim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho busquei analisar como pessoas de diferentes gêneros e gerações se relacionavam com as casas de veraneio nos balneários de Ipanema, Belém Novo e Florida, em Porto Alegre e Guaíba, a partir do lazer. Partindo dos discursos de cinco interlocutores e interlocutoras que frequentaram esses balneários entre as décadas de 1950 e 1970, sugeri que os espaços domésticos produzem e são produzidos por diferentes modos de ser e estar dentro de um ambiente privado. A casa de veraneio diferencia-se das demais pela justaposição dos espaços de socialização (coletivos) e espaços privados (individuais), quebrando a constância do dia-a-dia laboral, escolar e do lar oficial, onde as famílias dos interlocutores residiam. Apesar disto, me opus à ideia de que na casa de praia há um desvencilhamento radical de convenções sociais do mundo urbano e da divisão sexual do trabalho.

No primeiro capítulo, sintetizei a bibliografia historiográfica que retoma as origens das práticas de veraneio na cidade, desde a instituição de sesmarias até a iniciativa de elites de migrantes europeus que passaram a veranear em áreas mais afastadas do centro urbano, no início do século XX. Com a popularização das praias, no início dos anos 1930, surgem os loteamentos que eram adquiridos por profissionais liberais e funcionários públicos, e preenchidos com casas de madeira simples, no molde de *chalés*. A partir dessa ocupação do território pela classe média porto-alegrense, identifiquei experiências estéticas e sociais compartilhadas por esta classe, sobretudo na formatação das casas, na mobilidade urbana, nas redes de sociabilidade e na venda do patrimônio da família.

No segundo capítulo, me propus a analisar os discursos dos usuários acerca dos usos das casas de veraneio, bem como as genealogias familiares, expressões de intimidade e as relações sociais que permeavam este espaço. Notei que, mais do que dentro de casa, as memórias relativas à sociabilidade se davam em seu entorno, como o quintal, a rua da frente e as ruas vizinhas, as árvores, os campos de futebol, as Sociedades de Amigos do Bairro/Balneário e as praças. A *intimidade*, portanto, estava ligada à liberdade de ir e vir, à confiança de deixar crianças soltas na rua, ao convívio familiar e à familiaridade com a paisagem.

Além disso, observei padrões na divisão sexual do trabalho e do lazer, sobretudo em relação às mulheres e crianças. As possibilidades de aproveitamento do tempo estavam ligadas com as demandas que a casa e seus usos exigiam. Por isso, a liberdade que o espaço de lá daria aos usuários tem significados diferentes a depender de gênero e de idade; por isso, a despeito do deslocamento físico, paisagístico, que supostamente implicaria num outro ritmo

temporal, não há uma subversão das rígidas estruturas que coordenavam a vida urbana. Na verdade, o que demonstro é que a conservação dos hábitos de divisão sexual do trabalho doméstico atinge de modo mais significativo as mulheres, que, tendo como ambiente de trabalho a *casa oficial*, não conseguiam apartar o tempo de trabalho do tempo de lazer.

Através de estudos em cultura material e da análise de fotografias, observei que as casas de veraneio eram pouco decoradas, rústicas, de madeira. Esta estética corrobora com minha proposta de indissociação do tempo de trabalho e tempo de lazer das mulheres, que, além de continuarem efetuando suas tarefas diárias, tinham pouca ou quase nenhuma possibilidade de marcarem a casa com suas identidades. Sugeri que abdicar da decoração pode ser uma escolha - visto que, quanto mais objetos, mais limpeza e cuidado a casa demanda -, mas também pode ser fruto de uma divisão sexual do lazer que privilegia o descanso dos homens em desfavor do das mulheres, a subjetividade masculina em detrimento da feminina, e assim por diante.

No capítulo 3, discuti a formatação das casas como produtoras de formas de estar-no-mundo e de sociabilidades. Pensar na casa como produtora de subjetividades, no caso desta pesquisa, nos leva a compreender como famílias brancas da classe média porto-alegrense usavam seus finais de semana e férias, quais eram as *performances* esperadas de cada membro delas neste tempo e espaço, tendo como foco principal as performances de feminilidade em meados do século XX, e como aconteciam as sociabilidades desta classe nos balneários que um dia foram privilégios de uma elite de moldes aristocráticos.

Além da importância da casa para que determinadas redes de afetividade fossem consolidadas, graças à perenidade que proporcionavam aos veraneios e aos veranistas, as Sociedades de Amigos do Bairro/Balneário também se conformam como equipamentos importantes para o surgimento dessas redes e para o aproveitamento do lazer. Os discursos de meus interlocutores sobre a Sociedade de Amigos do Balneário Ipanema (SABI), a Sociedade de Amigos das Praias de Florida e Elza (SAFE), e a Sociedade de Amigos do Belém Novo (SABEN) contribuíram para compreender os significados de seus usos e sua importância para se fazer amigos e preservar as afetividades nos balneários.

Por fim, ressaltei a localização dessas experiências de classe, gênero, geração e raça como vivências situadas, uma vez que, alterando qualquer um desses marcadores sociais haveriam perspectivas distintas do cenário apresentado. Procurei situar minha pesquisa a partir de bibliografias em estudos de gênero, antropologia urbana e história social, visando contribuir com a memória da Zona Sul de Porto Alegre, tendo como foco a participação de mulheres e crianças na produção de noções do estar-no-mundo citadino.

BIBLIOGRAFIA

BAHLOUL, Joëlle. *The Architecture of Memory: A Jewish-Muslim Household in Colonial Algeria, 1937-1962*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. *Memória e Família*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 29-42

BOURDIEU, Pierre. “A casa ou o mundo às avessas”. In: Corrêa, Mariza (org.), *Ensaio sobre a África do Norte*. Campinas: ifch-Unicamp, texto didático n. 16, 2002, pp. 89-112.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. p. 17-70.

CARSTEN, Janet. *After Kinship*. Nova York: Cambridge University Press, 2000.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2008.

CERVO, Matheus. *A Praia do Guarujá: uma etnografia da memória coletiva e ambiental de uma comunidade bairrial em Porto Alegre – RS*. Trabalho de conclusão de curso - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, 2019.

CORBIN, Alain. *O território do vazio - a praia e o imaginário Ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DAVIS, Angela. *A obsolescência das tarefas domésticas se aproxima: uma perspectiva da classe trabalhadora*. In: *MULHERES, raça e classe*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016. cap. 13, p. 236-255.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

DUARTE, Luiz Fernando; CAMPOS, Edlaine. *Três famílias: identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares*. Rio de Janeiro: Editora fgv, 2008.

DUMAZEDIER, Joffer. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 25.

ELIAS, Norbert. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

_____. *Estruturas de habitação como indicadores de estruturas sociais*. In: *A sociedade de corte: Investigação sobre a sociologia da realeza e a aristocracia da corte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. cap. 3, p. 66-84.

FERREIRA, Dupuy Dória; FERREIRA, Delcy. *Entrevista concedida à autora*. Porto Alegre, 26 ago. 2021

FONSECA, Claudia. *Quando cada caso NÃO é um caso*. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, vol. 10, 1998, p. 58-78,

FOUCAULT, Michel. De espaços outros. Estudos Avançados, São Paulo, v. 27, ed. 79, p. 113-122, 2013. DOI <https://doi.org/10.1590/S0103-40142013000300008>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142013000300008. Acesso em: 10 maio 2021.

GARCIA DE VASCONCELLOS, Maria Emília Rolim. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 20 ago. 2021

GOMES DE FREITAS, Luís César. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 17 ago. 2021.

GONÇALVES, Marco Antônio. Etnobiografia: biografia e etnografia ou como se encontram pessoas e personagens. In: GONÇALVES, Marco Antônio; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vânia. Etnobiografia: subjetivação e etnografia. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Editora LTDA., 2012

GONZAGA DE SOUSA, L. Economia, Política e Sociedade, 2006. <http://www.eumed.net/libros/2006a/lgs-eps/>

HALBWACHS, Maurice. L'a mémoire collective. Paris: PUF, 1968

HIRATA, Helena. Mudanças e permanências nas desigualdades de gênero: divisão sexual do trabalho numa perspectiva comparada. Friedrich Ebert Stiftung Brasil, n.7, 2015.

HISTÓRIA DOS BAIRROS DE PORTO ALEGRE, Centro de Pesquisa Histórica - Coordenação de Memória Cultural da Secretaria Municipal de Cultura. Disponível em: http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf. Acesso em 10/05/2021.

HUYER, André. A Ferrovia do Riacho: um caminho para a urbanização da Zona Sul de Porto Alegre. Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

JOSEPH, Handerson. Diáspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 2015. 429p.

KOSSOY, Boris. Realidades e ficções na trama fotográfica. Ateliê Editorial: Cotia, 2002. 149p.

LA ROCCA, Fabio. A cidade em todas as suas formas. Porto Alegre: Sulina, 2018. 279p.

LÉVI-STRAUSS, Claude. “A noção de casa”. Minhas palavras. São Paulo: Brasiliense, 1986, pp. 185-7.

MACHADO, Janete da Rocha. O veraneio de antigamente: Ipanema, Tristeza e os contornos de um tempo passado na Zona Sul de Porto Alegre (1900 – 1960). Porto Alegre, 2014. 194 p.

_____. Alemães na Zona Sul de Porto Alegre: o veraneio de Helga Landgraf Piccolo (1940 - 1960). XIII Encontro Nacional de História Oral: História Oral, Práticas Educacionais e Interdisciplinaridade. Porto Alegre, 2016.

MACHADO, Helena Cristina. A construção social da praia. *Sociedade e Cultura* 1, Caderno do Noroeste, Série Sociologia, vol. 1, n. 13 (1), 2000, p. 201-218.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. DE PERTO E DE DENTRO: notas para uma etnografia urbana. *REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - VOL. 17 No 49*, junho/2002

SILVA, Manuel Carlos; JORGE, Ana Reis; QUEIROZ, Aleksandra. Divisão sexual do trabalho doméstico: entre representações e práticas. *Configurações [Online]*, vol. 9, 2012.

MARTIN, João Batista D'Avila. A OUTRA: A segunda casa. Dissertação (Mestrado) – Centro Universitário Ritter dos Reis, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Porto Alegre, 2015.

MAUSS, Marcel. “Essai sur les variations saisonnières des sociétés eskimos. Étude de morphologie sociale”. *Sociologie et Anthropologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1968 [1906].

MAZZILLI, Cláudio. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 13 ago. 2021

PELLIN, Roberto. *Revelando a Tristeza*. Porto Alegre: Metrópole, 1996, II v.

PERROT, Michelle. *História dos Quartos*, São Paulo, Paz e Terra, 2011

PESAVENTO, Sandra J. De como os alemães tornaram-se gaúchos pelos caminhos da modernização. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (Org.). *Os alemães no sul do Brasil*. Canoas: Editora da Ulbra, 1994, p. 200.

PONTES, Heloisa, CESAR, Rafael do Nascimento. Da orla à sala de jantar: Gênero e domesticidade na bossa nova e na tropicália. *Novos Estudos: CEBRAP*, vol. 38, n. 3, Set-Dez, 2019, p. 667-688.

PRADO, Arthur. A escrita da intimidade: o quarto entre o público e privado. In: *cadernos pagu* (41), julho-dezembro de 2013, p. 449-454.

PRESTES, Antônio. José. Dias. Usos e representações das praias do Guaíba, em Porto Alegre, entre o final dos anos 1920 e o início dos anos 1970. XXVIII Simpósio Nacional de História - lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. Florianópolis, 2015.

ROHLER, Karl Alexander; HUININK, Johannes. “Pair Relationships and Housework”. In J. Treas e S. Drobic (eds), *Dividing Domestic. Men, Women and Household Work*, Standford, California: Standford University Press, 2010, pp. 192-213

ROSATTI, Camila Gui. “Habitar, narrar e construir: a casa moderna nos relatos biográficos de seus moradores”, *Século XXI: Revista de Ciências Sociais*, v. 8, n. 3, 2018, pp. 851-88. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5902/2236672537526>>.

_____. “Habitar o moderno: habitus e estilo de vida conformando modos de morar”. Revista de Antropologia e Arte, v. 2, n. 10, dossiê Antropologia, Arquitetura e Design (Orgs. Heloisa Pontes e Nathanael Araújo), 2019.

RUSSI, Adriana, BRUM, Ceres Karam. Sob diferentes tetos: etnografando casas e revelando dimensões educativas e patrimoniais. In: Etnográfica. Outubro de 2019, vol. 23 (3), p. 693-715.

SALEN, Pamela. “The Communication of Memory and the Inhabited Experience”. *mei — Mediation and Information*, n. 40, 2017, pp. 117-130. Disponível em: < www.mei-info.com/wp-content/uploads/2017/06/MEI40-119-132-The-Communication-of-Memory.pdf >.

SANTOS, Simone. Andriani. Quartos femininos em manuais de prescrição de conduta, São Paulo (1870-1920). Anais Eletrônicos do XXII Encontro Estadual de História da ANPUH-SP, Santos, 2014. Disponível em: http://www.encontro2014.sp.anpuh.org/resources/anais/29/1399863484_ARQUIVO_ANPUHSP2014.SimoneAndrianidosSantos.pdf. Acesso em: 10 maio 2021.

SILVA, Giuslane Francisca da. HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. 2a ed. São Paulo: Centauro, 2013. Aedos, Porto Alegre, v. 8, n. 18, p. 247-253, Ago. 2016. 7p.

SIMMEL, George. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). *Mana*, 11(2), 2005, p.577-591.

THIBES, Mariana. Zanata. As formas de manifestação da privacidade nos três espíritos do capitalismo: da intimidade burguesa ao exibicionismo de si nas redes sociais. In: *Sociologias*, Porto Alegre, ano 19, n. 46, set/dez 2017, p. 316-343.

VICTORA, Ceres., COELHO, Maria. Cláudia. A antropologia das emoções: conceitos e perspectivas teóricas em revisão. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, ano 25, n. 54, p. 7-21, maio/ago. 2019. 15p.

WILKOSZYNSKI, Artur do Canto. Relatório de pesquisa: análise gráfico-comparativa e perceptiva da evolução urbana – caso Porto Alegre; subprojeto: análise do percurso do trem da Tristeza. Porto Alegre: FAPERGS, 1991, p. 8.